

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GRASSO DO SUL  
CÂMPUS DE AQUIDAUANA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Agner Ferreira dos Santos Moscardi

**PRODUÇÃO DO ESPAÇO, REPRESENTAÇÕES E INSEGURANÇA  
URBANA EM AQUIDAUANA/MS**

AQUIDAUANA, MS  
2022

Agner Ferreira dos Santos Moscardi

**PRODUÇÃO DO ESPAÇO, REPRESENTAÇÕES E INSEGURANÇA  
URBANA EM AQUIDAUANA/MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Geografia, como exigência do curso de Mestrado em Geografia do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação do Professor Prof. Dr. André Luiz de Carvalho.

AQUIDAUANA, MS  
2022

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Agner Ferreira dos Santos Moscardi

### **PRODUÇÃO DO ESPAÇO, REPRESENTAÇÕES E INSEGURANÇA URBANA EM AQUIDAUANA/MS**

Dissertação apresentada, como exigência do curso de Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. André Luiz de Carvalho.

Resultado:  
Aquidauana, MS, 19 de agosto de 2022.

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. André Luiz de Carvalho.  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Profa. Dr. Patrícia Helena Milani  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Prof. Dr. Ricardo Lopes Batista  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## **DEDICATÓRIA**

**Ao meu filho e aos meus pais e irmão que sempre foram exemplo de força e amor. Aos meus amigos pela convivência em momentos bons e ruins compartilhando muitas histórias.**

## **AGRADECIMENTOS**

Início agradecendo ao meu orientador Prof. André Luiz de Carvalho pelo empenho e paciência, suas sugestões acrescentaram muito durante o desenvolvimento desse trabalho. Agradeço também a colaboração dos professores do PPGGEO-CPAQ UFMS (programa da casa), e campus de Três Lagoas, pelo comprometimento e críticas que foram fundamentais na graduação e no desenvolvimento do mestrado.

Agradeço minha companheira Aline, que sempre me apoiou e ajudou em diversas situações no desenvolvimento desse trabalho de pesquisa.

Aos amigos de turma, por compartilhar dúvidas e experiências, onde obtivemos grandes conhecimentos, em um período marcante.

Em especial agradeço a minha família que sempre foi minha base e histórias de superação, que sempre me incentivaram buscar meus sonhos. E agradeço a todos os amigos(a)s que ajudaram de alguma maneira.

Agradeço a FUNDECT pelo apoio financeiro que permitiu o desenvolvimento dessa pesquisa.

## EPÍGRAFE

“A humanidade se divide em dois grupos: - O grupo dos que não comem; E o grupo dos que não dormem – com receio da revolta dos que não comem.” Josué de Castro

## RESUMO

O presente trabalho realizou reflexões sobre a produção do espaço frente a questão da insegurança urbana em um contexto não metropolitano. A urbanização da sociedade e do espaço tornou-se generalizado em escala global, onde a violência urbana se destaca como principal problema no espaço geográfico contemporâneo, se tornando pauta cada vez mais frequente nas agendas públicas, e na mídia. Que por vez acaba alterando a configuração espacial das cidades, onde a doutrina da securitização e a militarização das cidades vem se tornando cada vez mais comum. Agora a insegurança urbana predomina entre as práticas espaciais cotidianas, o cidadão se preocupa cada vez mais com sua segurança. Onde acaba intensificando processos como a segregação socioespacial sobretudo em espaços periféricos. Inicia-se uma análise espaço-temporal das tipicidades penais que causam maior comoção social, tais como: os crimes de homicídio doloso, roubo, furto e tráfico de entorpecentes. Para obter melhores resultados foi aplicado 150 formulários de pesquisa na cidade de Aquidauana-MS e 5 entrevistas, para identificar em qual bairro o cidadão se sente mais inseguro e então comparar com as ocorrências, buscando compreender a dimensão subjetiva da violência em cidades pequenas.

**Palavras Chave:** Produção do espaço Urbano; Insegurança urbana, Representações sociais, Aquidauana-MS.

## RESUMEN

El presente trabajo realizó reflexiones sobre la producción del espacio frente a la problemática de la inseguridad urbana en un contexto no metropolitano. La urbanización de la sociedad y del espacio se ha generalizado a escala global, donde la violencia urbana se destaca como el principal problema del espacio geográfico contemporáneo, convirtiéndose en una agenda cada vez más frecuente en las agendas públicas y en los medios de comunicación. Lo que a su vez termina alterando la configuración espacial de las ciudades, donde la doctrina de la securitización y la militarización de las ciudades es cada vez más común. Ahora que la inseguridad urbana predomina entre las prácticas espaciales cotidianas, el habitante de la ciudad está cada vez más preocupado por su seguridad. Donde acaba intensificando procesos como la segregación socioespacial, especialmente en los espacios periféricos. Se inicia un análisis espacio-temporal de las características delictivas que causan mayor conmoción social, tales como: los delitos de homicidio doloso, robo, hurto y tráfico de estupefacientes. Para obtener mejores resultados, se aplicaron 150 cuestionarios en el ciudad de Aquidauana-MS y se realizaron 5 entrevistas para identificar en qué barrio el habitante de la ciudad se siente más inseguro y luego comparar con las ocurrencias, buscando comprender la dimensión subjetiva de la violencia. en pueblos pequeños.

**Palabra clave:** Producción espacio urbano; Inseguridad urbana, Representaciones sociales.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pesquisa sobre furto no centro de Aquidauana 2017	
.....	58
Figura 2 - Pesquisa sobre furto no bairro Nova Aquidauana 2017	
.....	59
Figura 3 - Pesquisa sobre furto no bairro Alto em Aquidauana 2017	
.....	60
Figura 4 - Pesquisa sobre furto no bairro guanandi em Aquidauana 2017	
.....	61
Figura 5 - Modelo de notícias na região de Aquidauana	
.....	62

## **LISTA DE SIGLAS**

SIGO - Serviço Integrado de Gestão Operacional

PIB - Produto interno bruto

FMI - Fundo Monetário Internacional

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 Espacialização do furto em Aquidauana.....	64
Quadro 02 Registros de furto em Aquidauana (2007 – 2017) .....	65
Quadro 03 registro de roubo em Aquidauana (2007-2017.....	66
Quadro 04 Registros de homicídio em Aquidauana (2007-2017) .....	67
Quadro 05 Registros de Tráfico de drogas em Aquidauana (2007-2017.....	68
Quadro 06 Idade dos entrevistados.....	69
Quadro 07 Renda familiar.....	70
Quadro 08 Você considera sua cidade insegura?.....	71
Quadro 09 Em qual bairro você sente mais insegurança?.....	72
Quadro 10 Já foi vitimado por algum tipo de crime?.....	73
Quadro 11: Como se informa sobre as notícias de violência em sua cidade?.....	74
Quadro 12 Já foi vitimado por algum tipo de crime?.....	75
Quadro 13: Como se informa sobre as notícias de violência em sua cidade?.....	76

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.1 OBJETIVOS .....	18
1.1.1 <b>Objetivo Geral</b> .....	19
1.1.2 <b>Objetivos Específicos</b> .....	19
<b>2. Procedimentos Metodológicos</b> .....	19
<b>3.RESULTADO E DISCULSSÃO</b> .....	22
Produção do espaço.....	22
O espaço urbano.....	29
A produção do espaço em Aquidauana.....	36
A violência urbana.....	39
A produção do imaginário e da insegurança urbana.....	50
Análise de dados referente a violência em Aquidauana.....	58
Segregação socio espacial .....	77
<b>4. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS</b> .....	81
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	82

## 1 INTRODUÇÃO

O espaço geográfico é uma das principais categorias de análise da geografia, primeiramente esse trabalho busca refletir sobre esse conceito e sua produção. Segundo Moraes (2002), o espaço pode ser concebido como um atributo dos seres no sentido que nada existiria sem ocupar um determinado espaço. O autor também explica como o conceito foi tratado por diferentes autores nos diferentes períodos da história, o espaço nem sempre foi considerado uma categoria importante para a ciência geográfica, a aplicação e uso dessa categoria passou a ser o principal objeto de estudo por diversos autores ao decorrer do tempo. Segundo Corrêa (1993), o espaço também pode ser entendido como palco das relações sociais e naturais, evidenciando a importância da análise espacial.

Spósito (1996), identifica que a organização do trabalho coletivo da sociedade modifica o espaço. A autora compreende que as atividades humanas que ocorreram ao longo do tempo trazem explicações da produção do espaço e sua estrutura, e que assim, nesta perspectiva, a cidade de hoje é o resultado cumulativo de todas as cidades de antes transformadas, destruídas, construídas e reconstruídas. Então entende-se que a produção do espaço acontece por meio das atividades humanas e ao longo do tempo vem trazendo muitas modificações no espaço urbano.

O estudo do espaço passou a ser considerado principal objeto de ser principal objeto de estudo de muitos autores e trabalhada por diferentes pontos de vista ao longo da história, Segundo Lefebvre (1973) a tradição marxista sobre o espaço social, que é considerado uma superestrutura. O espaço é o reflexo das forças produtivas, na divisão do trabalho e tem relação com as propriedades, refletido com o seu valor de troca e valor de uso. Essa percepção de espaço social e sua abstração é muito bem trabalhada pelo sociólogo Herry Lefebvre que foi um grande teórico do tema.

Carlos (2007) contribui em seu livro sobre o espaço urbano com algumas considerações sobre os desafios que temos ao deparar com a obra lefebvrina; a autora destaca que o espaço é vivido e percebido como fragmentado pela existência e imposição das formas da propriedade privada, que concentra as riquezas iniciando o conflito entre o uso e a troca.

Cavalcante e Lima (2018) contribui para o resgate histórico do espaço como categoria da ciência geográfica através das obras de Milton Santos que tanto acrescentou na evolução e redefinição da geografia. O autor inspirado nas contribuições sobre o espaço argumenta que Milton Santos sempre demonstrou preocupação em delimitar precisamente o objeto de estudo na geografia, pois foi negligenciado por toda uma geração de geógrafos que não tinham o espaço no cerne de seus debates, resultando na maior “desgraça” da geografia.

Buscando informações sobre o que é a cidade e como esta foi organizada, pois a cidade é símbolo da organização social e objeto de grande estudo quando envolve o espaço. Spósito (1989) explica que entender a cidade de hoje, apreender quais processos dão conformação à complexidade de sua organização e explicam a extensão da urbanização neste século, exige uma volta às suas origens e a tentativa de reconstruir, ainda que de forma sintética, a sua trajetória. Assim o espaço urbano torna-se importante fazer reflexões sobre sua produção, e como foi abordado por alguns autores.

Corrêa (1993) aprofunda seus estudos com importantes contribuições para esse trabalho, entendendo como ocorre sua produção e quais são os agentes envolvidos e caracteriza o espaço urbano, identificando como uma área da cidade que se desenvolve com o passar do tempo, ou seja, apresenta uma dinâmica espaço-temporal. É utilizado e organizado pelo homem, fragmentado e articulado, reflexo do social, constituído por diversos usos da terra justaposto entre si, um conjunto de símbolos e campo de lutas. E ainda define áreas na cidade capitalista, como o centro da cidade, local de grandes concentrações de atividades comercial, áreas residenciais e áreas industriais e de lazer entre outras, assim descreve esse uso da terra como organização espacial da cidade como espaço fragmentado. Além de apresentar regiões divididas na cidade o autor identifica quem produz e quem consome o espaço, e destaca os principais grupos responsáveis por serem os agentes relacionados à produção e reprodução do espaço urbano.

É no espaço urbano onde ocorre a manifestações de muitos fenômenos como a constante aparição da violência, portanto torna-se importante compreender a produção do espaço urbano em um contexto mais amplo e então identificar a

ocorrência desse processo em Aquidauana e como esses fenômenos se comporta na cidade.

Seguindo nesse entendimento sobre a compreensão do espaço e sua trajetória no processo de formação, investiga-se a produção do espaço no município de Aquidauana no estado de Mato Grosso do Sul, datada em 15 de agosto de 1892 como o início do povoamento, (o município) está localizado na entrada do pantanal sul mato-grossense. Entretanto, Joia (2005) sustenta a hipótese de que a atividade que reforçava a ideia de se instalar um povoamento na região foi devido à facilidade de se navegar pelo rio Aquidauana, que objetivou a instalação de um entreposto comercial, a priori na margem esquerda do rio, devido à facilidade de acesso, em detrimento da margem direita, que possuía barreiras naturais como áreas inundáveis.

Com base nas contribuições do autor percebeu-se que a ocupação do território, ocorreu através das invasões das grandes potências europeias no século XV, após o “novo continente” descoberto a América do Sul, foi dividida entre Portugueses e Espanhóis, onde a região do município de Aquidauana, antes habitada por povos indígenas pertenceu a Espanha segundo o Tratado de Madri em 1750, então a região ficou marcada com a passagem dos espanhóis e a construção da cidade de Santiago de Xerez) que foi dizimada pelos bandeirantes em conjunto com os indígenas. A influência indígena se destaca, tanto pela incorporação de tradições, quanto pela linguística, como pode ser observado pela etimologia do nome da cidade de Aquidauana que significa “rio estreito”.

Após uma breve abordagem sobre a produção do espaço e como ele foi configurado na cidade analisada, busca-se compreender como a violência e insegurança urbana alteram a sua produção. O espaço geográfico é produzido, organizado e reorganizado pelas relações humanas, cuja ação imprime marcas no espaço, busca-se neste trabalho identificar as alterações espaciais as quais têm identificadas em cidades maiores alterando as práticas dos cidadãos impactando em um isolamento entre o centro e a periferia decorrentes da manifestação da violência urbana. Para compreender a relação entre o processo de produção do espaço e a violência urbana, Misse (2003) proporcionou uma importante contribuição ao compreender que a violência é um fenômeno que se manifesta no

espaço geográfico por diferentes formas, como a criminalidade – comumente ocorrente nos espaços urbanos, embora não sejam exclusivos a eles.

A obra do urbanista Graham (2016) faz um resgate dos conflitos existentes nos espaços urbanos e no cotidiano em escala global. Graham destaca as guerras em diversos países que utiliza como exemplo para identificar o novo urbanismo militar onde relata um ponto de vista crítico em que o Estado e o capital protagonizam a guerra ao terror. Para o autor em um país como o Brasil a gestão urbana sob a doutrina da segurança e militarização, são sentimentos difusos e cada vez mais presente de medo e insegurança retroalimentados pela mídia onde são publicadas manchetes sensacionalistas, fortificando o poder de controle socioespacial e controle político. Graham (2016) também identifica a rápida e gigantesca urbanização que ocorreram nas cidades e as estratégias do mundo polarizado.

Segundo Graham (2016) países vivem há décadas modelos de economias neoliberais que são injustas e levam a sociedade à ruptura social. O modelo econômico global reorganiza as sociedades pelas relações de mercado, a lógica econômica deixa marcas cada vez mais profundas nas cidades com consideráveis contradições, países em desenvolvimento são marcados pela insegurança, tendo como reflexo uma gigantesca militarização impulsionada pelo combate da criminalidade.

Sposito e Góes (2013), trouxeram contribuições para o tema da violência urbana, evidenciando uma análise espaço-temporal deve considerar as características históricas de cada período e que a partir da revolução industrial percebe-se o surgimento da insegurança. Foi considerado também a visão da insegurança de Curbet (2007), que aponta que as representações de insegurança presentes no cotidiano dos cidadãos que se globalizam e se alimentam através dos meios de comunicação que os mantêm informados do que ocorre diariamente em outros lugares, de forma que mesmo os que vivem em lugares mais seguros têm sensação de insegurança, por se identificarem com os temores dos outros.

Magrini (2018) argumenta que o imaginário das cidades que não são frutos do acaso, devemos identificar quem são os agentes criadores desses discursos e imagens da cidade onde ela aponta um conjunto de agentes que são associados a produção do imaginário da insegurança. No sentido da contribuição da autora pode-

se identificar os autores que contribuem diretamente na produção da insegurança, todos eles influenciados pela lógica do mercado tanto a mídia que produz conteúdos espetaculosos em busca audiência e o mercado imobiliário que aproveita para criar e vender espaços fortemente securitizados.

Compreende-se que a mídia, tal como nas grandes cidades e em regiões metropolitanas, tem importante papel na proliferação da sensação de insegurança nas cidades pequenas, contribuindo para o aparecimento de processos mais profundos como a segregação socioespacial. A escolha de Aquidauana se deve à opção metodológica de estudar uma cidade pequena, de modo a analisar a insegurança urbana em sua relação com o processo de produção do espaço.

Segundo Carlos (2007), a mídia ajuda a impor padrões e parâmetros de vida e pela rede de comunicação que aproxima os homens e lugares ao mesmo tempo em que os isola e afirma que o choque entre o que existe e o que é imposto constitui a base das transformações da cidade, e os lugares vão se integrando de modo sucessivo e simultâneo a uma nova lógica que aprofunda as contradições.

Esses conflitos ocorridos no espaço urbano acabam intensificando e refletindo em outros problemas como o estigma territorial. Conforme aponta Saravi (2008), o processo de segregação pode ser entendido como uma dimensão específica de um processo geral de diferenciação social e que a situação ainda fica mais densa se entendermos que a divisão social do espaço é uma representação espacial ou seja um reflexo da estrutura social. Processo que aprofunda a separação entre as classes sociais diferenciadas através do estigma social que acaba interferindo nas oportunidades e acesso a vários serviços.

Buscando avançar no entendimento das relações entre o crescimento real da criminalidade e o recrudescimento da sensação de insegurança, propõe-se uma análise com base nos Boletins de Ocorrência, elaborados pela Delegacia Regional de Polícia de Aquidauana, de crimes que denotam maior comoção social, visando com isso analisar a dinâmica criminal entre os anos de 2007 a 2021. Foi também realizada uma breve reflexão sobre a mídia regional e quais os tipos de notícias ela tem preocupação em informar. Em seguida foram aplicados questionários e entrevistas qualitativas a fim de investigar a sensação de insegurança no município

estudado para identificar em qual bairro a população que se sente mais insegura, para comparar com os dados das ocorrências registradas.

Este trabalho foi dividido em partes, iniciando-se com a reflexão sobre a produção do espaço e o espaço urbano, discutindo o conceito e sua produção, sendo necessária uma abordagem sobre a história da cidade estudada. Em seguida foi trabalhado o conceito de violência urbana e a mídia, através de seu desdobramento no espaço geográfico, a insegurança, apoiando-se na apresentação dos dados estatísticos da criminalidade e dados obtidos através dos questionários aplicados em Aquidauana. E por último foram realizadas breves considerações sobre a segregação urbana.

## **Objetivo**

Compreender o conceito do espaço na ciência geográfica e como foi tratado por diferentes autores, entendendo quais os principais processos do espaço na cidade de Aquidauana, frente ao fenômeno da insegurança urbana como o desdobramento da violência. Resultando em uma configuração de cidade sob a lógica da insegurança que intensifica o estigma territorial.

## **Objetivos Específicos**

Apresentar dados socioeconômicos e histórico da cidade estudada;

Fazer a análise da dinâmica da criminalidade;

Mapear as ocorrências criminais, propondo uma espacialização da violência;

Analisar o papel da mídia quanto à difusão da insegurança urbana em Aquidauana;

Identificar as principais veiculações de informações sobre Aquidauana sobre violência;

Analisar os estereótipos relacionados aos conjuntos habitacionais populares, os quais têm sido recorrentemente associados a espaços inseguros e estereótipos territoriais;

## **Procedimentos metodológicos**

Segundo alguns autores como Misse, Carlos, identificado que a violência urbana tem alterado a lógica da produção espacial, ressignificando os espaços e alterando as práticas espaciais dos cidadãos. Além da criação de estigma em bairros periféricos, que não são objetivamente violentos, mas não possuem a infraestrutura básica necessária. Tendo em vista que a insegurança urbana decorre da violência (objetiva e subjetiva), inicia-se uma análise espaço-temporal das tipicidades penais que causam maior comoção social, tais como: os crimes de homicídio doloso, roubo, furto e tráfico de entorpecentes com o recorte temporal do período de 2007-2021.

Foram compilados dados sobre a dinâmica da violência em Aquidauana, a partir da coleta de dados estatísticos junto a Delegacia Regional de Polícia Civil, sediada em Aquidauana, onde sob a supervisão de um agente de polícia foi realizada a pesquisa no banco de dados oficial de registro das ocorrências policiais, conhecido como sistema SIGO, (Serviço Integrado de Gestão Operacional), que concentra dados das ocorrências atendidas pela Polícia Civil, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e outras unidades de segurança do Estado, atuantes no município de Aquidauana. Para o presente estudo foi adotado o recorte temporal abrangendo os anos de 2007 a 2021. Também foi realizado o levantamento de dados junto ao site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) como Área territorial, população estimada, densidade demográfica e, PIB per capita, relativos ao município de Aquidauana. Esses levantamentos possibilitaram a construção de uma visão crítica a respeito da relação entre produção do espaço urbano e violência, já que esta deve ser entendida em seu sentido amplo.

Foi feito o levantamento bibliográfico sobre teóricos conhecedores do tema como a produção do espaço, violência urbana e insegurança e seus reflexos em cidades pequenas e qual o papel da mídia na divulgação sobre representações acerca da insegurança levantamento de dados sobre ocorrências de crimes que despertam maior comoção social. Foram aplicados 150 formulários e 5 entrevistas qualitativas de forma virtual devido a pandemia que ocorreu em 2019, os entrevistados foram comunicados por conhecidos da cidade que aceitaram contribuir

com a pesquisa. Os formulários foram aplicados entre acadêmicos da UFMS dividido em grupos em determinados bairros da cidade estudada, tudo aconteceu em 2018 em um trabalho de PIBIC que se tornou-se necessário aproveitar os dados obtidos nesse trabalho de pesquisa. Finalizando com a elaborações de gráficos e mapas para facilitar a análise dos dados coletados.

Para entender o comportamento da violência e sentimento de insegurança, será utilizado o método dialético marxista, que ajudará a compreender o processo de produção do espaço, e as representações acerca da insegurança numa sociedade fortemente marcada pela desigualdade socioeconômica.

Para compreensão do movimento e contradição da violência no espaço geográfico, o método dialético será trabalhado com base em autores conhecedores do tema. Iniciando sobre a referências que tratem da temática da produção do espaço urbano, contemplando não apenas os trabalhos realizados nas metrópoles, mas, sobretudo aqueles produzidos em contextos não metropolitanos, com destaque às pesquisas de Lefebvre (1973), Carlos (2007).

Uma perspectiva que interessa é àquela que trata do conceito de violência, insegurança urbana e de seus reflexos nas cidades, dando destaque para os trabalhos apresentados por Misse (2002), Adorno (2019), Batista (2008), Sposito e Góes (2013), Curbet (2007), Nery (2019), Magrini (2018). Saravi (2007), Teixeira (2010).

Sobre à perspectiva multiescalar, propondo uma articulação entre as escalas nacional (no que tange a contextualização da violência no Brasil), regional (pensando a cidade de Aquidauana e a possibilidade de comparar os fenômenos da insegurança nas cidades pequenas) e na escala intraurbana (mapeando os dados dos principais crimes e períodos e tipos de locais que ocorreram).

Foram feitos Levantamentos das estatísticas criminais entre os anos de 2007 a 2017, tendo em vista a implantação do sistema SIGO, importante ferramenta de armazenamentos de dados que significa, sistema de integração de gestão operacional, implantado no Estado de Mato Grosso do Sul em 2007, no qual os órgãos vinculados à Secretaria de Segurança Pública (Polícia Civil e Militar) utilizam a plataforma virtual SIGO e o banco de dados online do Estado para o registro das

ocorrências criminais e para obter uma análise mais profunda foi escolhido o ano de 2021.

O levantamento estatístico da criminalidade de dados no município estudado nesta pesquisa, recolhido dos órgãos responsáveis (Delegacia Regional de Polícia Civil e 7º Batalhão de Polícia Militar), foi sobre os crimes de homicídio doloso, roubo, furto e tráfico de entorpecente. Levando em conta tais tipicidades penais por apresentarem maior comoção social, que por sua vez gera mais insegurança entre a população.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

A geografia é a ciência que tem como ponto central a análise do espaço a partir das sociedades que ocupam seus respectivos modos de produção. O espaço geográfico é a principal categoria de análise para entender a realidade, um dos principais objetos de estudo da geografia. Diversos autores atualmente na geografia discutem essa relação entre geografia e espaço, estudo que nem sempre colocado em evidência no passado refletindo em um grande atraso na ciência geográfica. Seja de um jeito, seja de outro a geografia sempre tratou do espaço o que modifica é o seu método.

Para entender o espaço e quais processos dão início a sua produção, devemos debruçar sobre teóricos que contribuíram com o tema. O espaço geográfico é resultado da ação humana sobre a natureza, ao decorrer da história a humanidade criou objetos e desenvolveu técnicas de produção, como muitas formas de relação com a natureza, explorando recursos e alterando o ecossistema do planeta através de atividades econômicas.

Para Lefebvre (1973), que refere-se a tradição marxista, o espaço social é uma superestrutura. O modo de produção influencia as forças produtivas a partir de determina divisão do trabalho e de relações de propriedade específicas (como propriedade privada).

Atualmente, a produção do espaço urbano é muito influenciada por essas determinações. Influenciada pelo pensamento de Lefebvre, Carlos (2007) argumenta que o espaço é vivido e percebido como fragmentado pela existência e imposição das formas da propriedade privada, que concentra as riquezas iniciando o conflito entre o uso e a troca.

Segundo Damiani (2001), autora que em diversos trabalhos utilizou as obras de Lefebvre como ponto de partida para suas compreensões. Encontramos contribuições importantes sobre o entendimento do conceito.

Usar o espaço para viver, ou apenas sobreviver, é uma necessidade incontestável, por mais variações que, ao longo da história, possa-se inferir, pois as necessidades são históricas. Apesar das formas variadas de utilização, o uso dos espaços é um pressuposto da vida. E exatamente porque nem sempre as formas de uso foram as mesmas, é possível avaliar que muitas delas se consolidaram no decorrer da história humana, constituindo costumes e hábitos próprios dos diferentes povos e das condições naturais e históricas que viviam e vivem. O uso do espaço remete às profundas marcas que o homem imprime à natureza; remete, portanto, à produção da natureza humana. É evidente que esse raciocínio pode ser generalizado para outros objetos e instrumentos, que o homem produziu ao longo de sua história, mas o significado ímpar e abrangente do espaço pode também ser ressaltado. Através do espaço, o homem lida de forma simplesmente cultural ou existencial, perdendo sua naturalidade, fica mais comprometido. (DAMIANI, 2001 P. 48-49).

A autora destaca as formas como a produção do espaço são apropriadas ao longo da história humana, pois usar o espaço para sobreviver é uma necessidade da humanidade com diferentes formas de uso. O uso do espaço deixa marcas impressas pela sociedade constituídos por diferente hábitos e costumes.

Também encontra-se em Corrêa (1993), que o espaço também pode ser entendido como palco das relações sociais face a condições naturais encontradas em cada lugar, região, etc, evidenciando a importância da análise espacial na Geografia. o livro onde o autor trabalha com o conceito espacial revela a evolução da geografia sobre esse assunto nessa geração de geógrafos. Reforçando o entendimento, em Spósito (1996), a organização do trabalho coletivo da sociedade modifica o espaço. A autora compreende que as atividades humanas que ocorreram ao longo do tempo trazem explicações da produção do espaço e sua estrutura,

Segundo as contribuições desses autores, percebe-se que a produção do espaço foi interligada ao trabalho e interpretada como espaço social para alguns autores e fazendo da cidade o resultado da produção das atividades humanas. Cavalcante e Lima (2018), em seu importante trabalho contribui para o entendimento histórico do espaço como categoria da ciência geográfica através das obras de Milton Santos que tanto acrescentou na evolução e redefinição da geografia brasileira e América latina.

O autor cita Milton Santos, que sempre demonstrou preocupação em delimitar precisamente o objeto de estudo na geografia, criticando uma geração de geógrafos que não tinham o espaço nos cerne de seus debates, resultando na maior “desgraça” da geografia.

No mesmo estudo o autor avança na discussão trazendo elementos da obra *Por uma nova geografia*, onde foi trabalhada a definição e importância do objeto de estudo da geografia, e que entre os clássicos da ciência Milton Santos é um dos principais teóricos da geografia suas obras são relevantes até os dias de hoje.

A importância do entendimento desse conceito e de sua utilização para estudar a realidade como produção do espaço e sua reprodução parte do fato de que ele é reflexo da atividade social. O estudo do espaço torna-se importante em diversas ciências e sobretudo na geografia como havia citado.

Cavalcante (2018), no mesmo trabalho avança sobre a importância do espaço e cita que para Santos o trabalho de Lefebvre teve muita influência em seus pensamentos pois o espaço que interessa para ele é o espaço social, afirmando:

O espaço que interessa a Milton Santos – e, por sua vez, à Geografia – é o espaço social, já que a essência do espaço é social (Santos, 2008), uma vez que ele é constantemente (re)produzido pelas relações sociais. Para Lefebvre (1974), sociólogo que teve uma expressiva influência sobre o pensamento miltoniano, cada sociedade produz um espaço que lhe é particular, o seu próprio espaço, e dessa forma, ainda segundo o referido autor, o espaço (social) seria então um produto (social). (CAVALCANTE E LIMA 2018, P.68).

Observa-se o espaço como produto da relação sociedade e natureza, constituída pelo trabalho humano, então o autor afirma que o espaço independentemente do período histórico ele é resultado da produção, ou seja, da transformação da natureza e das reproduções das relações sociais. Para Santos (1996), a produção supõe uma intermediação entre o homem e a natureza, através do papel do trabalho na sua constante reprodução através do movimento dialético da sociedade e do espaço e suas contradições históricas.

O sociólogo francês Henry Lefebvre, destaca as contradições que estão envolvidas na produção do espaço. Ele entende que estão presentes vários conflitos nessa produção, porque a própria sociedade apresenta conflitos, como as diferenças

de classe social, de renda, etc. E isso pode ser visto também no município de Aquidauana.

Ciência do Espaço? Não. Conhecimento (teoria) da produção do espaço. A ciência do espaço (matemática, física, etc.) é do domínio da lógica, da teoria dos conjuntos e coesões, sistemas coerências. O conhecimento do processo produtivo, que faz entrar na existência social este produto que é o mais geral de todos – o espaço – é do domínio do pensamento dialético, que lhe apreende as contradições. É neste espaço dialetizado (conflitual) que se consuma a reprodução das relações de produção. É este espaço que produz a reprodução das relações de produção, introduzindo nelas contradições múltiplas, vindas ou não do tempo histórico. (LEFEBVRE 1973, p. 18-20).

Esses conflitos das classes sociais têm muito a ver com as contradições entre capital e trabalho gerada por princípios de meios de produção. O autor traz grandes contribuições sobre o pensamento acerca do espaço e seus movimentos através de diversos processos.

Magrini (2016) destaca que Lefebvre em seu livro *The Production of Space* (1991) sobre o desenvolvimento do espaço e suas representações subjetivas:

A importância da subjetividade para a compreensão da produção do espaço é destacada por autores como Lefebvre, em seu livro *The Production of Space* (1991), por exemplo, no qual identifica a tríade espacial composta pelo espaço percebido (relacionado às práticas espaciais), espaço concebido (associado às representações do espaço) e o espaço vivido (ligado aos espaços de representação). (MAGRINI 2016, p. 23).

Essa tríade espacial destacada por Magrini (2016), também contribuiu muito para definição desse conceito em diversas ciências, essa definição é inspiração de muitos trabalhos atualmente. A autora descreve esse capítulo com a perspectiva do imaginário em uma leitura sobre a cidade contemporânea, apoiada nas contribuições de outros autores. Magrini argumenta que qualquer representação está conectada com o imaginário, visto que todo pensamento passa por articulações simbólicas. Reconhecendo a divisão da subjetividade posta por distintas dimensões, tal pensamento revela como as contribuições sobre o conceito de espaço pode mudar ao passar do tempo surgindo diversos pontos de vista sobre o espaço, vejamos em

seguida outras contribuições sobre o conceito de espaço que foi identificado como importante.

Segundo Batista (2008) apoiado nas contribuições de Santos (1992):

Para Santos (1992), o espaço não é apenas uma condição da evolução social, ou ainda uma configuração da paisagem. Mas é sem dúvida, um fator da evolução social, o espaço deve ser considerado como uma instância da sociedade, assim como uma instância econômica e a instância cultural-ideológica, isso quer dizer que a essência do espaço é social. Não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a natureza. "O espaço é tudo isso mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. (SANTOS, 1992 apud BATISTA, 2008, p. 36).

O espaço é socialmente organizado e produzido pelo homem, sendo assim suas relações com o meio são estudadas por vários pesquisadores de diversos campos científicos, incluindo a Geografia. O espaço se tornou um objeto de estudo de grande relevância nesse trabalho, pois no espaço ocorre inúmeros processos e fenômenos em meio suas próprias características e dinâmica que devem ser analisados.

Segundo Moraes (2002):

[...] também pode ser concebido como um atributo dos seres, no sentido de que nada existiria sem ocupar um determinado espaço. Finalmente, o espaço pode ser concebido como um ser específico do real, com características e com uma dinâmica própria. Esta perspectiva da Geografia, como estudo do espaço, enfatiza a busca da lógica da distribuição e da localização dos fenômenos, a qual seria a essência da dimensão espacial. Entretanto, esta Geografia, que propõe a dedução, só conseguiu se efetivar à custa de artifícios estatísticos e da quantificação. É um campo atual da discussão geográfica (MORAES, 2002, P.34).

Partindo do pressuposto das transformações com o passar do tempo, Moraes (2002) apresentou como a Geografia era tratada por alguns autores que, ao tentarem explicá-la, apresentavam explicações com elevado nível de abstração, não alcançando assim explicações de caráter mais objetivo. Como a elaborada por

Immanuel Kant, para quem a Geografia era a ciência que estudava a superfície da terra, o tipo de visão que foi comum por muito tempo e foram desenvolvendo novos objetos de estudos.

Nessa linha de estudo, são apresentadas algumas considerações sobre o conceito de espaço e sua produção e reprodução, objeto de estudo importante na Geografia, baseadas em teóricos que também contribuíram com o assunto.

Corrêa (1993), compreende o espaço como palco das relações sociais, ou seja, o local onde se materializa as relações Homem/Homem e Homem/Natureza. Nada existe sem ocupar um espaço, evidenciando a importância do estudo sobre o espaço geográfico enveredado pela Geografia.

Segundo Corrêa (1995), o espaço geográfico é também caracterizado como morada do homem, desta forma:

Eis o espaço geográfico, a morada do homem. Absoluto, relativo, concebido como planície isotrópica, representado através de matrizes e grafos, descrito através de diversas metáforas, reflexo e condicionante social, experienciado de diversos modos rico em simbolismo e campos de lutas, o espaço geográfico é multidimensional (CORRÊA, 1995, P. 44).

Segundo esses autores, o espaço é entendido como conjunto de objetos criados pelo homem e refletido sobre a terra. Ao se debruçar sobre a análise espacial, Corrêa (1993) aprofunda seus estudos e caracteriza o espaço que se desenvolve com o passar do tempo, ou seja, apresenta uma dinâmica espaço-temporal. É utilizado e organizado pelo homem, fragmentado e articulado, reflexo do social, constituído por diversos usos da terra justaposto entre si, um conjunto de símbolos e campo de lutas. E ainda, define áreas na cidade, como o centro, local de grandes concentrações de atividades comerciais, áreas residenciais e áreas industriais e de lazer entre outras, assim descreve esse uso da terra como organização espacial da cidade como espaço fragmentado, ou seja, o espaço urbano.

Vai completar que o espaço urbano é: fragmentado, articulado, reflexo e condicionante social, o espaço urbano é também o lugar onde os diferentes grupos vivem e se reproduzem

envolvendo de um lado o cotidiano e o futuro e de outro, crenças, valores, mitos, utopias e conflitos gerados no bojo da sociedade (CORRÊA, 1993, P.9).

Além de apresentar regiões divididas na cidade o autor identifica quem produz e quem consome o espaço, e destaca grupos responsáveis por serem os agentes relacionados à produção e reprodução do espaço urbano, que são identificados como: Os proprietários dos meios de produção, os proprietários de terras, o Estado e grupos sociais excluídos.

Buscando informações sobre o que é a cidade, e como esta foi organizada, pois a cidade é símbolo da organização social e objeto de grande estudo quando envolve o espaço. Spósito (1989) explica que:

Entender a cidade de hoje, apreender quais processos dão conformação à complexidade de sua organização e explicam a extensão da urbanização neste século, exige uma volta às suas origens e a tentativa de reconstruir, ainda que de forma sintética, a sua trajetória. (SPOSITO, 1989, P.11).

Então segundo a autora para entender a formação da cidade exige voltar as suas origens ainda que de forma sintética, entendendo que espaço é história e descobrir sua trajetória para entender a produção de seu espaço.

Apoiado nesses autores que ao longo do tempo produziram importantes obras sobre o espaço e suas dimensões e representações, divididas e articuladas como obra da sociedade, criando a cidade e o espaço urbano como resultado dessa complexa relação.

## **O espaço urbano**

O espaço urbano pode ser definido como o espaço das cidades, um conjunto de atividades concentradas em um mesmo lugar. Desde que o homem passou a ser sedentário e a viver em grupo social, essa mudança de costume de viver migrando de lugar, escolher uma moradia fixa e conviver em grupos, representa o surgimento das primeiras aglomerações.

Sposito (1989) em seu trabalho sobre o desenvolvimento das cidades em seu livro *Capitalismo e urbanização*, destaca a formação de cidades e sua estrutura urbana, revelando que é um processo que se desenvolveu ao longo da história e teve a cidade como forma concreta desse processo, marcando profundamente a civilização contemporânea.

Segundo Sposito (1989), entender a cidade e seus processos de formação e a complexidade de sua organização, precisamos voltar as suas origens fazer um resgate histórico nos períodos paleolítico, mesolítico e neolítico e reconstruí-la novamente a sua trajetória.

Buscando informações sobre o que é a cidade e como se organizou, encontramos em Sposito (1989) O entendimento que a cidade de hoje e sua organização como resultado cumulativo de outras cidades produzidas pelas transformações ocorridas na sociedade.

Entender a cidade de hoje, apreender quais processos dão conformação à complexidade de sua organização e explicam a extensão da urbanização neste século, exige uma volta às suas origens e a tentativa de reconstruir, ainda que de forma sintética, a sua trajetória. (SPOSITO, 1998, p.11).

Segundo a autora a cidade é muito mais do que um simples aglomerado humano que se formou num determinado território e seu objetivo era desenvolver a agricultura para dar ao homem uma vida melhor, mas apenas esse desenvolvimento não é suficiente para a origem da cidade, sabemos que para se consolidar uma cidade necessita de uma organização social mais complexa, isso foi evoluindo da seguinte maneira com o desenvolvimento na seleção de sementes e da agricultura, permitiu que o agricultor produzisse mais do que o necessário e começou a haver

excedente alimentar, fazendo com que alguns homens se desligasse das atividades primárias que garantia sua subsistência, passando a se dedicar a outras atividades.

A autora revela que embora esse processo de aglomerações não tenha ocorrido em todos os lugares, num determinado período da história havia aldeias e (não-aldeia, grupos nômades). Uma figura da aldeia que passou a se destacar pela sua condição física, para fazer a proteção da aldeia contra ataques de grupos nômades ou de animais ferozes, foi o caçador, que perdeu o seu papel com a formação das aldeias e o desenvolvimento da agricultura e criação de animais, então passou a desenvolver outro papel, voltou a ter importância devido a necessidade da aldeia de se proteger. Isto quer dizer que a diferenciação do trabalho foi se desenvolvendo com o correr do tempo, pois os que ficavam livres das atividades de produção alimentar e tinham melhores condições físicas, ficavam encarregados de cuidar da segurança da aldeia.

Essa obra torna-se importante, por revelar as fases históricas como o homem foi deixando suas marcas no espaço através de suas relações até chegar na criação do espaço urbano, marcado pelo processo de industrialização que transformou profundamente as relações sociais.

Outra contribuição da autora no mesmo livro é argumentar sobre as cidades na idade média, sobre o modo de produção feudal, que foi a base da economia das cidades que sustentava os latifúndios e as instituições de servidões, esses são os dois grandes pilares que sustentam as cidades agora, havendo uma troca de poder político com o chefe do estado. Agora o poder pertence aos donos de terras.

A autora conclui seu importante trabalho descrevendo o avanço da urbanização destacando as principais características para a formação da cidade, um resgate histórico no seu processo de construção dos primeiros aglomerados até os períodos de desenvolvimento na Europa, segundo Sposito (1989), a cidade ainda passa por dois períodos de transformação o capitalismo e industrialização, foram fatores principais que alavancaram o crescimento da cidade e sua estrutura urbana. Destacamos que os dois pilares que sustentavam o sistema anterior o feudal foram destruídos pelo modo de produção capitalista através da reativação do comércio que foi criando a condição necessária para estruturar o novo modo de produção capitalista.

E assim com o desenvolvimento vem a industrialização última fase para o desenvolvimento do capitalismo e a emergência do trabalho assalariado. Assim a revolução industrial e a maquinofatura foram processos fundamentais na economia e na produção de riquezas e assim transformando a cidade e sua estrutura urbana.

Após grandes voltas e tentativas de explicar os processos que fizeram parte da criação do espaço urbano. Compreendo que espaço visto como natural passa por transformações sobretudo através das atividades humanas, o espaço urbano é fruto de longos processos históricos, Santos (1998) em seu importante livro sobre a síntese da urbanização brasileira como processo forma e conteúdo, identifica como instrumentos centrais de análise do espaço urbano atividades econômicas e territoriais que influenciaram sobre a reorganização do espaço brasileiro e da América latina junta as suas realidades e tendências.

Assim como buscamos explicações sobre os processos que deram origem ao espaço urbano, no Brasil a urbanização, digamos que foi um pouco caótica e tardia. Segundo o autor o Brasil só alcança a urbanização da sociedade e do território no terceiro quartel do século XX, pois durante séculos o território que hoje chamamos de Brasil foi como um todo país agrário.

Santos (1998, p.19) retoma a expressão do conde Afonso Celso sobre o recôncavo da Bahia e a Zona da Mata do Nordeste ensaiaram, antes do restante do território um processo notável de urbanização, e salvador comandou a primeira rede urbana das Américas.

Na mesma página o autor descreve que o urbanismo é condição moderníssima da nossa evolução social, e que toda nossa história foi a história de um povo agrícola uma história de lavradores e pastores. Foi no campo que se formou a identidade histórica de nossa nação. A urbanização cresceu muito e seu desenho urbano foi transportado da Europa até então posteriormente modificado.

Santos (1998, p.22) afirma que a partir do século XVIII que a urbanização Brasileira se desenvolve e a casa da cidade torna-se a mais importante do fazendeiro, que só vai a propriedade rural no momento do corte de cana e da moeda da cana. Essa citação revela a forte influência que o Brasil tem com os costumes

rurais e com o passar dos anos ocorreu um crescimento desgovernado tanto na transformação urbano quanto na demografia.

Depois da urbanização e povoamento ser fortemente litorâneo nota-se o crescimento das cidades com o modelo geográfico espreado, de tamanho imoderado que é causa e efeito da especulação.

Carvalho (2010) contribui sobre o entendimento do urbano o autor refere-se ao termo urbano a generalização do modo de vida urbano trazendo o conteúdo ideológico da moderna propriedade. Então entende-se que o autor descreve a lógica do capital que é dominante no espaço urbano contemporâneo, surgindo assim a raiz de diversas contradições que devem ser analisadas seriamente.

Carlos (2007), traz grandes contribuições em seu livro sobre o espaço urbano brasileiro, em uma leitura sobre a cidade.

Tais fatos revelam que vivemos não só uma crise da cidade, como decorrência do aprofundamento das contradições do processo de realização da acumulação em escala ampliada (sinalizada, por sua vez, pelo aprofundamento dos processos de segregação urbana), mas também que presenciamos uma crise teórica. Isto indica que a análise do mundo deve considerar uma articulação necessária entre teoria e prática, uma vez que a crise prática se revela como uma crise teórica. Portanto, a Geografia Urbana deve contemplar, em sua análise sobre o fenômeno urbano, uma crítica à formulação do saber sobre a cidade, porque é impossível separar a produção social do espaço da cidade da produção de um pensamento sobre a cidade; como escreve Lefebvre, “a teorização não suprime a problemática do mundo moderno, ela contribui para colocar as questões com mais força”. Assim, a análise da cidade deve passar pela amplitude de uma dupla dimensão crítica que abarque tanto a crise teórica quanto a prática. (CARLOS 2007, P.19).

A análise da autora contribui para o entendimento das contradições imposta pela lógica do capital citado por diversos autores que merece forte atenção da geografia e diversas ciências. Ela ainda completa:

Essas afirmações apontam a necessidade da produção de um conhecimento que dê conta da construção de uma teoria da prática socioespacial que se realiza na cidade, expressando o desafio de desvendar a realidade urbana em sua totalidade, bem como as possibilidades que se desenham no horizonte para a vida cotidiana na cidade. Tal perspectiva ilumina a armadilha da redução do sentido da cidade àquela de condição da reprodução do capital ou da dominação

do Estado, ambas esvaziadas do sentido da vida humana. Assim, à necessidade de desvendamento dos processos constitutivos do espaço social adiciona-se a construção de uma teoria sobre a cidade. (CARLOS 2009, P.19).

Tal citação revela a inquietação da autora sobre o debate do tema na geografia, nos colocando diante de um desafio de entender a realidade urbana e seus problemas que estão se mascarando diante de estratégia do capitalismo.

A obra de Carlos (2007) é rica em detalhes para entender o espaço urbano e suas contradições, ela revela o ponto de partida de forma clara para aprender mais sobre a cidade contemporânea no ponto de vista da ciência geográfica.

Ana Fani ainda avança em seu importante entendimento:

É assim que nossas pesquisas expressam várias vertentes apoiadas em paradigmas e abordagens diversas, colocando, ainda, a necessidade constante de superação do conhecimento produzido. Essas correntes revelam perspectivas possíveis abertas à pesquisa, cabendo a nós avaliá-las sem preconceitos. Nossa intenção, por ora, não é tecer um panorama sobre a história da pesquisa urbana realizada pela Geografia, mas aprofundar uma de suas perspectivas teórico-metodológicas como possibilidade de entendimento da cidade em sua totalidade, podendo inicialmente afirmar que essa matriz – a chamada marxista-lefebvriana – não se apóia nem em um conjunto de paradigmas, nem na constituição de um modelo de análise acabada, ainda não se tratando, evidentemente, de “geografizar” a obra de Marx ou de Lefebvre . De fato, o que o pensamento de Marx nos propõe é uma crítica à formulação do saber, e também uma crítica à redução do conhecimento a uma coleção de fatos. Portanto, a leitura da cidade que nos propomos a realizar parte da perspectiva sinalizada pela obra de Marx, e é, antes de mais nada, um método de análise da prática social que toma a realidade como um movimento cujas crises, inerentes ao processo de reprodução, podem ser um elemento elucidativo dos seus conteúdos. (CARLOS, 2007, P. 20).

A autora argumenta sobre a importância de aprofundar o debate em suas perspectivas teórica metodológica referente ao conhecimento sobre as cidades em sua totalidade, sobre a teoria das atividades humanas e suas relações em um espaço em constante movimento, o qual tem suas bases no processo de reprodução da sociedade. A lógica do capital aplicado ao uso da terra no espaço urbano, identifica a raiz de diversos problemas sendo impulsionado pelos agentes que produzem esse espaço. A corrente de pensadores do espaço urbano tem se tornado

pouco frequente atualmente devido a corrente de certas tendências na política, sobretudo no Brasil.

O entendimento sobre o espaço urbano revela contradições por diversos autores que ainda cada um em seu tempo já se apoiava em grandes pensadores como Marx e Lefebvre que muito contribuíram para o entendimento do estudo das cidades.

Como descreve Damiani em seu trabalho:

Reunindo a importância de uma intervenção global nas cidades e os limites das relações sociais existentes, tem-se o significado não só econômico, mas político e social da produção do espaço, nos termos como se desenvolve. Daí falar-se do caráter reprodutivo abrangente do espaço: interfere na forma mesma das cidades - definida em centros e periferias, segmentada social e espacialmente, expandida desmesuradamente; generaliza a ótica do produtivismo, uma racionalidade estrita e linear, para mais de um momento da vida social; redefine os sujeitos sociais - vivendo a cidade restringida na sua urbanidade, os grupos e indivíduos vivem estrangulamentos à sua consciência social - hipertrofia e interferência estatista - a ordem do estado, das instituições - através dos códigos, regulamentos, investimentos, que atingem, inclusive, a vida privada; as concepções do espaço vivido, ou a vivência do que se poderia chamar a ordem das vizinhanças, ao mesmo tempo que resumem a vida cidadina nesse universo mais imediato - o resto da cidade tende a lugar de passagens, etc. (DAMIANI, 2001, p. 49-50).

A autora descreveu tal organização que a cidade possui em sua lógica centro e periferia, definindo o suporte de sua estrutura física e seu segmento social expandido desmesuradamente e a racionalidade que sobrepõe sobre as relações. Entende-se que urbanização é vista como fruto do desenvolvimento, por outro lado torna-se a raiz de muitos problemas atualmente, mas com forte ligação com o passado.

Santos (1998) revela que a cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora da pobreza, tanto como apoiado pelo modelo social e sua estrutura física que fazem de seus habitantes das periferias e cortiços ainda mais pobres. A capacidade da cidade em atrair gente pobre está cada vez mais intensa. As atividades são diferentes do campo que sempre foi predominante, a necessidade de adaptar ao novo estilo de vida urbana torna-se quase que obrigatório para conviver na sociedade, a tecnologia a informação e as atividades

modernas são diversas, deixando aquela ideia de tempo lento, espaço amplo, excluindo aqueles que habitam na periferia.

Segundo as contribuições dos autores citados acima percebe-se as contradições que envolvem o espaço urbano. Voltando as importantes contribuições de Santos (2009) sobre suas observações do espaço urbano brasileiro. Ele argumenta que o Brasil por muitos séculos foi um grande arquipélago, formado por subespaços que evoluíam segundo logicas próprias.

E ainda no mesmo trabalho avança sobre elementos que identificam a natureza da urbanização brasileira.

A partir dos anos 1940-1950, é essa lógica da industrialização que prevalece: o termo industrialização não pode ser tomado, aqui, em seu sentido stricto, isto é, como criação de atividade industriais nos lugares, mas em sua ampla significação, como processo social complexo que tanto inclui a formação de um mercado nacional, quanto os esforços de equipamentos do território para torna-lo integrado, como a expansão do consumo em formas diversas, o que impulsiona a vida de relações (leia-se terceirização) e ativa o próprio processo de urbanização. Essa nova base econômica ultrapassa o nível regional, para situar-se na escala do país, por isso a partir daí uma urbanização cada vez mais envolvente e mais presente no território dá-se com o crescimento demográfico sustentado das cidades médias e maiores, incluídas naturalmente as capitais e os estados. (SANTOS 2009. P. 27).

De acordo com as contribuições do autor a partir da metade do século XX a lógica da industrialização invade todos os espaços no território brasileiro criando a formação de um mercado nacional, agora o consumo de diferentes formas determina as relações sociais.

O Brasil passou por grandes transformações de forma caótica e desgovernada, seguido de uma evolução demográfica jamais conhecida, seguida de um modelo econômico. O meio técnico científico foi outro elemento que generalizou no espaço urbano brasileiro. Mas esteve restrito por muito tempo ao centro do sul.

Segundo as contribuições dos autores citados acima nessa tentativa de definir o espaço urbano nesse trabalho, conclui-se sabendo que o espaço urbano é o resultado de um processo que envolve muitos acontecimentos e necessita grande

esforço teórico para compreendê-lo visto como importante para entender o espaço como principal objeto de estudo da geografia.

## **PRODUÇÃO DO ESPAÇO EM AQUIDAUANA**

Aquidauana está localizada na entrada do pantanal sul mato-grossense uma região com características físicas específicas. Com base nas contribuições do IBGE 2020, a ocupação do território, onde hoje se localiza Aquidauana remonta o período do descobrimento do Brasil, no século XVI, com a passagem dos espanhóis e a construção da cidade de Santiago de Xerez, sendo dizimada, ao final deste século pelos bandeirantes em conjunto com os indígenas. A influência indígena se destaca, tanto pela incorporação de tradições, quanto pela linguística, como pode ser observado pela etimologia do nome da cidade de Aquidauana.

Aquidauana formou-se a 12 quilômetros (da lendária cidade de Santiago de Xerez), que surgiu através do porto fluvial que foi fundamental para a região e 180 quilômetros a cima da confluência do rio Aquidauana e Miranda. O nome revela a influência indígena que segundo a toponímia guaicuru o terno denomina rio estreito, fino. O nome Aquidauana aparece em mapas datados do século 17, pelo menos 200 anos antes da fundação. (IBGE 2020).

É preciso lembrar que Aquidauana surge em decorrência do rio Aquidauana (tributário do rio Miranda), sendo a margem esquerda inicialmente explorada (Anastácio) e posteriormente a margem direita (Aquidauana).

Aquidauana surgiu como solução para certos problemas do povoamento Pantaneiro, principalmente aqueles ligados à sazonalidade climática, como o período das cheias, que isolavam os moradores das fazendas e de outros povoados, e o das secas. O local onde surgiu o povoamento de Aquidauana era uma solução para as cheias por apresentar topografia mais elevada em relação ao nível do Pantanal (JOIA, 2005, p.35).

O autor sustenta a hipótese de que outra atividade que reforçava a ideia de se instalar um povoamento na região foi com a facilidade de se navegar pelo rio Aquidauana.

Outro atrativo considerado para a implantação do povoamento foi a suscetibilidade do rio Aquidauana à navegação, que objetivou a instalação de um entreposto comercial, a priori na margem esquerda

do rio, devido à facilidade de acesso, em detrimento da margem direita, que possuía barreiras naturais como áreas inundáveis. A montante, o rio apresentava cachoeiras que dificultavam a navegação. Assim, o rio transformou-se em via de comércio de Aquidauana para Corumbá, a jusante, e, em seguida, para outras localidades portuárias do Brasil como Santos e Rio de Janeiro. (JOIA, 2005, p.35).

Assim as conquistas de novos territórios de colonos corroborado pelo tratado de Madri de 1750 deu origem a um povoamento que foi influenciado pelo meio ambiente e também influenciou o tipo de atividade econômica que seria explorada pelos primeiros moradores. (JOIA, 2005, p.35).

Ao longo do século XIX, compreendemos que este território assume uma nova função espacial após a implementação da atividade da pecuária extensiva, valendo-se da disponibilidade de terras as quais grande parte localiza-se no Cerrado brasileiro (favorecendo a criação de gado) além da exploração da navegação “que dava acesso ao rio Miranda, o rio tinha grande importância no transporte de cargas principalmente de gado” (FIRMO; BATISTA, 2017, P.18).

Segundo Joia (2005), O povoamento inicial se estabeleceu na margem esquerda do rio Aquidauana pela facilidade de navegação e ligação com outros povos até o final do século XIX e o povoamento da margem direita era voltado para atividade nas fazendas, tendo neste momento, uma vantagem econômica para Anastácio por administrar o porto no rio Aquidauana. Já nas primeiras décadas do século XX, a chegada da estrada de ferro na margem direita do rio Aquidauana alterou a dinâmica logística de escoamento das mercadorias produzidas na região pantaneira.

O volume e a intensidade do escoamento das mercadorias via rio Paraguai reduzem drasticamente, passando a serem escoadas via porto de Santos. (A obra ficou conhecida por onde passam seus trilhos como Estrada de Ferro Noroeste do Brasil ou apenas NOB, a obra foi inaugurada no dia 12 de outubro de 1914).

A chegada da estrada de ferro alavancou ainda mais o processo de ocupação aumentando os números de casas e comércios na região e também o aumento do fluxo de pessoas migrando de diversas regiões.

Ainda assim afirma Joia:

A estrada de ferro, efetivada por volta da segunda metade do século XX, impulsionou o comércio da cidade. Em 1912, os trilhos vindos de Porto Esperança, nas margens do rio Paraguai chegam em Aquidauana em 1914, alcança Campo Grande. A ligação com o(s) estado(s) de São Paulo só se concretiza em 1926 com a construção da ponte (do) sobre o rio Paraná e a ligação com Corumbá só acontece em 1953 com a construção (sobre a ponte do) da ponte sobre o rio Paraguai, pronta em 1947 (a estrada de ferro NOB foi adquirida pela RFFSA (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima) em 1957, quando começa a entrar em decadência o transporte ferroviário no Brasil). (JOIA, 2005, P.36).

Então observou-se a afirmação do autor e de toda a trajetória da construção da estrada de ferro a sua ligação com São Paulo para fazer relações comerciais e impulsionar seu crescimento, e diminui o impulso causado pela estrada de ferro em 1957 quando o transporte ferroviário perde a importância no Brasil.

Oliveira Neto (2005) em sua obra, comenta sobre a importância da NOB para o progresso em Mato Grosso do Sul, segundo o autor:

A inauguração da ferrovia instaurou, inexoravelmente, na região, uma nova relação social, ditada, dessa vez, pelo capital monopolista de São Paulo, ao mesmo tempo em que estabeleceu, no imaginário dos habitantes do lugar, novos paradigmas em relações ao tempo e as distâncias. O trem simbolizava, para aqueles moradores do Oeste quase inóspito do Brasil, as insígnias da modernização e do progresso. Ele representava todos os elementos e fatores que difundiam e faziam desenvolver novas técnicas e davam sustentabilidade as novas formas de pensar e agir. (OLIVEIRA NETO, 2005, P.99).

Assim encontrou-se afirmações por parte da importância da chegada do trem e a ligação com as cidades vizinhas e o progresso facilitando a circulação de cargas abrindo as portas para o mercado paulista. Esse crescimento obrigou a criação de um projeto urbano de moradia e serviços de atendimentos médicos, construção de áreas de lazer e igrejas, projetos de educação e segurança, asfalto e saneamento básico. Essa condição acelerou o processo de urbanização no município de Aquidauana. Logo após a criação de um projeto de uma ponte criada na década de 1930 ligando Aquidauana e Anastácio facilitando a passagens de caminhões e ônibus ligando a cidade à rodovia federal BR 262, obra do Governo Federal.

## VIOLÊNCIA URBANA

Um dos focos da ciência geográfica é o espaço urbano e seus fenômenos que ocorrem em cada período histórico. A violência nesse trabalho tem como ponto de partida como o principal fenômeno que altera o modo de produção. Nos últimos séculos a violência vem se tornando cada vez mais presente no cotidiano, Carlos (2005) apontam que desde a revolução industrial os índices de violência aumentam cada vez mais. Segundo Cubert (2000) nunca havíamos se preocupado tanto com a nossa segurança. Para o autor vivemos nos espaços urbanos atualmente com sentimento de insegurança por conta da violência que tornou-se generalizada. Esse sentimento invadiu os espaços urbanos e ocorre em cidades pequenas como Aquidauana.

Inspirado pelas contribuições de Misse (2003), compreendemos a violência como um fenômeno que se manifesta no espaço geográfico por diferentes formas, como a criminalidade – comumente ocorrente nos espaços urbanos, embora não sejam exclusivos a eles; Várias pesquisas sobre a violência indicam seu comportamento como um componente que interfere na produção do espaço urbano, ressignificando seus conteúdos e por sua vez alterando as suas formas, percebemos também que atualmente a violência encontra-se mais intensificada pelo processo de globalização, fenômeno este que aproxima diversas sociedades no âmbito econômico, social, cultural e político.

Para o sociólogo Michel Misse, que muito contribuiu para o entendimento do tema nas cidades brasileiras explica que “a violência chegou a nossa cidade. Ou é preciso dominar a violência. A tal da violência que parece um espectro ou fantasma” (MISSE, 2003, p.1). Concordamos com o autor ao afirmar que ela se manifesta como se fosse um vírus que invade a cidade, como uma epidemia que é descrita através de comportamentos diferentes e que nos faz pensar, erroneamente, que só existe uma única expressão de violência.

No mesmo estudo o autor explica como o emprego da palavra violência foi ganhando significados em diferentes períodos da história,

O emprego da palavra “violência” ganhou na época moderna muitos significados novos, mas resistem, em seu emprego usual, duas características que não se modificam com o tempo. Proponho que se

reflita um pouco sobre esses significados múltiplos da palavra “violência” e, em especial, sobre as duas características que se mantiveram no seu cotidiano, atravessando muitas épocas e mudanças históricas. (MISSE, 2003, p. 1).

Diferentes significados surgiram no decorrer do tempo, mas o autor destaca a permanência de duas características que não se modificaram com o passar dos tempos as definições da palavra que sempre existiu, mesmo em qualquer idioma, sempre houve a ideia de uso da força exagerada e do domínio da vítima sem a oportunidade de defesa.

Observamos então, que ao estudar a origem da palavra violência, o autor identificou mudanças em seu significado ao longo do tempo, mas a sua essência se manteve, representando o emprego da força contra alguém ou alguma coisa.

Assim através dessa ideia podemos ter maior esclarecimento sobre o conceito de violência, entendido como o emprego da força ou dominação sem legitimidade, ou a quebra da ordem ou então a utilização de meios para impor uma ordem.

Outra contribuição do autor vem do movimento do ato de violência, que ao empregá-la estamos agindo socialmente sobre o outro, seja na denúncia de um sujeito ou de um evento.

Violência não é uma expressão apenas descritiva ou neutra, ela já toma partido se engaja na própria definição do uso do ator. O emprego socialmente denunciador da palavra violência, por isso tende a reter através dos tempos um significado duro que em última análise não pode ser negociado ou atenuado: o de um que viola (do latim *violens*) a integridade de um indivíduo, que não lhe permite a reação e que, portanto, transforma-o em mero objeto, numa coisa qualquer a que se pode fazer o que quiser. (MISSE, 2003, p.1).

Assim entendemos em qual situação devemos usar a palavra violência descrevendo um ato/ação ou sujeito. Agora temos uma compreensão sobre seu conceito e percebemos ainda que o seu emprego vem aumentando assustadoramente em nível mundial, afetando a vida de muitas pessoas e, por isso, vem ganhando centralidade nas pautas das agendas públicas.

A violência sempre esteve presente em nossos espaços ou só passou se filmada e observada com frequência? Nossa pergunta nos coloca diante do desafio de compreender esse fenômeno que assola as cidades. Atualmente devido a lógica econômica que é imposta nos espaços urbanos pode ser observada a venda desenfreada de conteúdos violentos como entretenimento. Basta apenas acessar

algum vídeo ou notícia referente a violência que percebemos a enorme propagação desse conteúdo rendendo muitas visualizações e curtidas.

A violência se torna conteúdo de extrema importância para a indústria cultural e mídia. Devido a facilidade de acesso atual, podemos acessar conteúdos de violência da palma da mão em qualquer lugar do mundo.

Adorno (1996) sinaliza sobre a incapacidade do Estado em cuidar dos bens que são produzidos e então torna-se uma tendência mundial o aumento dos crimes e taxas sugestivas de uma retratação na capacidade punitiva do estado.

Desde a década de 1950 e mais dramaticamente ao longo dos anos 60, verificou-se um aumento substantivo dos crimes contra a pessoa. As taxas de assassinatos dobraram no período, especialmente nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha, Países Baixos e Suécia. A tendência para cima é ainda mais acentuada quando se fala em assaltos, roubos e estupros. Em trinta anos, teria havido um aumento considerável do número de pessoas que vivem do crime, assim como um número crescente de vítimas. Em outras palavras, pode-se dizer que: primeiro, maior número de pessoas está violando as leis penais; segundo, maior número de pessoas figura como vítimas; terceiro, um universo considerável de comportamentos e bens protegidos pelas leis penais está cada vez mais vulnerável à ofensa e ao ataque. Ademais, em função mesmo da prosperidade e do aumento da circulação da riqueza, novas modalidades de crimes surgiram, como aquelas relacionados ao tráfico de drogas. (ADORNO, 1996, P16).

O autor aponta que o mais importante de tudo não é o aumento do crime, mas sim a capacidade de aceita-los e conviver com eles. Para Adorno apenas uma pequena parte dos crimes cometidos são registrados, devido certo descaso da polícia com delinquentes conhecido em conjunto do afrouxamento ou incapacidade de lidar com as infrações. A impunidade torna-se cotidiana, processo que é visível em algumas áreas.

nas mais diferentes sociedades, uma enorme quantidade de furtos não é sequer registrada. Quando registrada, é baixa a probabilidade de que o caso venha a ser investigado. O mesmo é válido para os casos de evasão fiscal, crime que parece ter instituído uma verdadeira economia paralela e para o qual há sinais indicativos de desistência sistemática de punição. Segundo Dahrendorf, a consequência desse processo é que as pessoas acabaram tomando as leis em suas próprias mãos; (ADORNO 1996, P.16).

Segundo Carlos (2007) em sua obra onde é trabalhado o espaço urbano e seus fenômenos encontramos a importante argumentação na autora sobre a presença das violências nas cidades brasileiras.

A crescente violência tem, nos últimos tempos, contribuído para o “isolamento das pessoas, presas em suas casas a destruição dos referenciais urbanos com a deterioração do centro, trazendo como contrapartida os projetos de revitalização, que propõem a assepsia da cidade. Alia-se ao fato de que a monumentalidade arquitetônica torna o cheio, vazio, a explosão da cidade que se reproduz continuamente pela extensão de seus limites, aprofunda a segregação que produz a ruptura em relação ao centro. A exacerbação da norma como mediação necessária ao estabelecimento do uso do espaço da cidade. (CARLOS 2007, P. 112).

A seguinte afirmação revela o aumento da violência nos últimos tempos e atenção com a influência na produção do espaço, acabando com a sociabilidade e isolando as pessoas em sua casa esse modelo torna-se generalizado em diversos espaços do mundo, impulsionando a revitalização dos referenciais urbanos e assepsia da cidade. Isso não ocorre na cidade de Aquidauana com tanta frequência, mas aos poucos vem sofrendo influências.

Segundo Ana Fani traz importantes contribuições sobre o fenômeno do narcotráfico que a partir do final do século XX vem ganhando força nos espaços urbanos trazendo novas configurações para a cidade.

A violência imposta pelo desenvolvimento do narcotráfico que coíbe e constrange o uso dos espaços da cidade, penetra a vida cotidiana submetendo a sua convivência como condição de sua realização. O crescimento, na cidade, do narcotráfico como nova atividade econômica, por ser ilegal, se realiza dominando áreas imensas da cidade e imprimindo seu poder enquanto realização da violência explícita pela dominação do espaço da cidade. Esta atividade só ganha realidade fazendo a população prisioneira de suas estratégias. Através de diferentes formas, o narcotráfico invade e subordina os momentos da vida cotidiana, pela dominação do espaço. (CARLOS 2007, P. 112).

Devido a nova modalidade econômica ilegal vem se tornando comum em diversos pontos da cidade o narcotráfico e a principal atividade que mais chama a atenção da sociedade proporcionando diversas notícias espetaculosas e demonstração de trabalho pelos serviços de segurança constrangendo muitas das vezes o cidadão que habita em espaços periféricos.

O Espaço Urbano produz uma norma para a vida recriando ao mesmo tempo a religião enquanto negócio e impregnando a paisagem da cidade com a proliferação de “novos templos” de oração, onde o culto transforma-se em espetáculo despojado de um tipo particular de arquitetura (mas sempre monumental) no entorno das quais floresce um novo tipo de atividade comercial; 7. de uma cultura tratada como mercadoria vendível através de espaços previamente produzidos para este tipo de consumo; 8. a capturação do tempo de lazer submetido ao consumo do espaço a ele destinados, pela constituição de espaços específicos de lazer capazes de atrair a população de forma diferenciada em função do tipo de atividade oferecida, revelando o movimento de passagem do consumo no espaço ao consumo do espaço. (CARLOS 2007, P. 113).

A citação da autora não foi com intenção de fazer nenhuma crítica a religião, mas para demonstrar a influência da lógica que o sistema econômico impõe no espaço urbano, sobretudo no Brasil a cura contra a violência é oferecida nas igrejas como libertação de um mundo violento que acaba destruindo muitas famílias surgindo assim novos templos de oração relacionado ao espetáculo da vida urbana.

As preocupações de estudos sobre cidade e violência não são recentes, por muito tempo muitos pesquisadores já se preocupavam em relacionar industrialização urbanização e transformações nos costumes e nas relações hierárquicas e uso e ocupação da cidade.

Segundo Adorno e Nery (2019) em um estudo sobre crime e violência explica:

Nesse cenário de percepções aguda de insegurança coletiva as cidades foram mudando de fisionomia e em suas configurações. Pois bairros cada vez mais segregados, sistemas de segurança privada por todos os espaços, câmeras fiscalizando o movimento das ruas, rumores sobre acontecimentos do cotidiano, recomendações de como evitar ser vítima de crimes, relacionadas a circulações nas vias públicas, aos horários, a movimentação de pessoas, ao transporte público e mesmo privado, a proteção de pertences pessoais, ao contato com estranhos ou com comercio e serviços, onde morar e trabalhar, como desfrutar do lazer no final de semana e como proteger e fiscalizar os filhos especialmente infante e adolescentes. (ADORNO e NERY 2019, p.170).

Os argumentos dos autores contribuem para entender como a violência urbana afeta a vida dos cidadãos, contribuindo para processos mais profundos como a segregação socio espacial e a criação de estigmas territoriais.

Magrini (2013), identifica que os cidadãos buscam cada vez mais espaço e relações de sociabilidade segura nas cidades contemporânea, e que essas diferentes alterações vão reestruturando a configuração da cidade. A autora ainda

destaca que o processo de criação do imaginário da cidade como insegura, não se limita apenas as grandes cidades, sendo rapidamente difundida na realidade não metropolitana. É nesse sentido que direciona estudos na busca por alguns fenômenos que ocorre com frequência em metrópoles, para ser analisado em realidades não metropolitanas. Mesmo sendo cidades médias, consegue descrever esse fenômeno que ocorrem em escala global principalmente em cidades pequenas como Aquidauana.

Tendo como pressuposto que a insegurança urbana é um desdobramento da violência nas cidades, proposta de Curbet (2007) e Adorno (2002) corrobora para analisar a insegurança por meio de suas dimensões, objetivas e subjetivas, de modo que a insegurança objetiva é aquela sentida pelo cidadão exposto a uma ou várias formas concretas de agressões, por sua vez, a insegurança subjetiva refere-se ao medo gerado pela difusão da violência que não necessariamente foi experimentada concretamente pelos cidadãos, estando relacionados muito mais ao discurso da violência e também em sua propagação midiática.

A violência urbana, analisada por nós como a criminalidade ocorrida nas cidades, é o resultado de uma multiplicidade de acontecimentos variados, cuja manifestação e difusão provoca empecilhos ao crescimento socioeconômico nas cidades.

Buscando aprofundar o entendimento sobre a dinâmica da violência nos espaços urbanos, apoiamos em Sposito e Góes (2013), que identificaram importantes características, reconhecendo as dimensões objetivas e subjetiva da violência, além de argumentarem que essas dimensões são socialmente construídas.

Com base na qual se pretende explicitar as relações entre as dimensões objetivas e subjetivas que a constituem e as relações de poder subjacente, sem desconsiderar que todas elas são socialmente construídas.

de modo similar, observamos uma explicação mais profunda sobre as dimensões da insegurança. A relação objetiva expressa uma relação razoável entre o medo experimentado pelo cidadão e seu nível de exposição a uma ou várias formas concretas de agregação delitiva conceituada como vulnerabilidade. Com isso há uma diferenciação dos atos violentos e a percepção apresentada pelas pessoas como um imaginário de cidade insegura. E a insegurança subjetiva que

expressa um “medo difuso” da delinquência que não necessariamente corresponde com a vulnerabilidade específica do cidadão que experimenta (CURBET, 2007, p.135).

Assim encontra-se melhor compreensão da diferença entre as dimensões da violência reside no fato de que sua objetividade relaciona-se à violência real, que afeta diretamente o cidadão.

Graham (2016), faz um resgate das guerras existentes nos espaços urbanos e no cotidiano em escala global. O autor destaca as guerras em diversos locais Reino Unido, Israel e Estados Unidos países que o autor utiliza como exemplo para identificar o novo urbanismo militar. O autor relata de um ponto de vista crítico que o Estado e o capital protagonizam a guerra ao terror.

Em um país como o Brasil a gestão urbana militarizada são sentimentos difusos e cada vez mais presente de medo e insegurança retroalimentados pela mídia onde rende boas manchetes e poder de controle socio espacial do controle político.

Na prática, os tão alardeados axiomas econômicos de ‘privatização’, ‘ajuste estrutural’ e o ‘Consenso de Washington’ camuflam transformações preocupantes. Eles funcionam como eufemismo para o que Gene Ray chamou de “coerções coordenadas de prisão dos devedores globais, para a pulverização de mão de obra local e das proteções ambientais, e para escancarar todos os mercados para as operações não reguladas do capital financeiro”. A riqueza foi arrancada das economias pobres e vulneráveis pelas predações flagrantes do capital global, organizadas a partir de umas poucas megacidades do Norte. Políticas de ajuste estrutural impostas às nações pobres do mundo pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial entre o fim da década de 1970 e o fim de 1990 reorganizaram economias ignorando questões de bem estar social e segurança humana. O resultado foi uma ruptura enorme, insegurança disseminada e um processo de urbanização gigantesco e informal. (GRAHAM 2016 p. 53-54).

O autor trabalha sobre a rápida e gigantesca urbanização que ocorreram nas cidades, e as estratégias do mundo polarizado. Países em desenvolvimento vivem há décadas modelos de economias neoliberais que são injustos e levam a sociedade a ruptura social. O modelo econômico global reorganiza as sociedades pelas relações de mercado, a lógica econômica deixa marcas cada vez mais profundas,

idades no norte do globo oferecem consideráveis sensação de segurança, enquanto países em desenvolvimento são marcados pelo medo e insegurança, tendo como reflexo uma gigantesca militarização impulsionada pelo combate do crime a criminalidade, sobretudo, aquela ligada ao tráfico de drogas de varejo.

A obra de Graham é rica em elementos que podem explicar os conflitos contemporâneos problemas que podem tornar a cidade em um campo de conflito através de um sistema econômico neoliberal que tem levado ao colapso:

Então, invariavelmente, 'liberalização' tem significado um colapso nas oportunidades de emprego formal para populações urbanas marginais; um enfraquecimento das redes de segurança fiscal, social e médica, dos sistemas de saúde pública, das companhias de serviços públicas e dos serviços educacionais; e um gigantesco crescimento tanto do débito dos consumidores quanto do setor informal das economias... Assim, as políticas de ajuste estrutural funcionaram em muitos casos para dizimar o funcionalismo público, destruir as indústrias de substituições de importação e deslocar dezenas de milhares de produtores rurais incapazes de competir com o agrocapitalismo altamente subsidiado dos países ricos. (GRAHAM, 2016, p. 54).

Segundo o autor tais situações têm sido a força principal para o aumento da desigualdade, onde é mais visível em cidades em desenvolvimento como o Brasil.

Graham aponta que o uso da guerra como metáfora dominante para descrever a condição constante e irrestrita das sociedades urbanas – em guerra contra as drogas, o crime, o terror, contra a própria insegurança e forte militarização das cidades. Para o autor as cidades urbanizadas do século XXI são estratégicas e organizadas:

Até o começo do século XXI, a captura de cidades estratégicas e politicamente importantes continuou sendo “o símbolo maior da conquista e da sobrevivência nacional”. Ademais, desde a falência dos sistemas óbvios de fortificações urbanas, o desenho, o planejamento e a organização das cidades foram moldados por questões estratégicas e geopolíticas - um tópico negligenciado nos estudos urbanos mainstream. (GRAHAM, 2016 p. 63).

Antes as cidades eram planejadas para suportar períodos de guerras, esperando o apocalipse nuclear, alguns elementos acabaram não sendo mais necessários e se tornaram símbolos das marcas da guerra. Essa passagem revela uma forte influência sobre os modelos de cidades atuais marcados pelo passado de guerra.

Outra contribuição do autor foi sobre a perda da capacidade do Estado em fornecer segurança adequada em certas cidades pois a segurança torna-se uma commodity a ser negociada em um mercado altamente sem regras.

Na África, por exemplo, tem havido uma rápida urbanização, hiperdesigualdade social, proliferação de guerras por recursos globais fundamentais e mudanças radicais na economia política dos Estados nos últimos 25 anos. Com muitos Estados perdendo seu monopólio tanto da violência quanto de território, a coerção se torna uma *commodity* a ser comprada e vendida. “A mão de obra militar é comprada e vendida em um mercado em que a identidade dos fornecedores e compradores não significa quase nada”, escreve Achille Mbembe. “Milícias urbanas, exércitos privados, exércitos de comandantes regionais, empresas de segurança privada e exércitos estatais, todos reivindicam o direito de exercer a violência ou de matar” (GRAHAM, 2016, p. 67-68).

A citação de Graham revela processos que são conhecidos em países da América do Sul qual o estado falha em fornecer segurança e ela torna-se uma mercadoria grupos de organizações militares como exércitos privados e milícias tende a ser uma realidade.

Outra contribuição importante do autor é evidenciar os paradigmas militares estadunidense e suas operações no resto do mundo fazendo guerra fora de seu território como forma de controle político e econômico.

Assim, de modo importante, os paradigmas militares estadunidenses de controle, monitoramento e reconfiguração violenta do urbano hoje em dia transpõem o binário tradicional interior/exterior de cidades dentro dos Estados Unidos versus cidades no resto do mundo. Em vez disso, as preocupações com “segurança” que até recentemente dominavam discussões de política externa agora emergem em espaços urbanos habituais - espaços “nacionais”. O que antes eram preocupações de segurança internacional agora “penetra [...] todos os níveis de governo. A segurança está se tornando mais cívica, urbana, doméstica e pessoal: a segurança está vindo para casa”. (GRAHAM, 2016, p. 72).

Equipamentos de tecnologia avançada são utilizados para fazer a segurança e monitoramento como drones e satélites, passam importantes equipamentos de segurança doméstica. A obra de Graham analisa diferentes aspectos da violência urbana ajudando a entender o novo urbanismo militar presente no Brasil e em diversos países, como exemplo as violentas repressões policiais contra os manifestantes ou contra movimentos sociais populares dos sem tetos, a guerra ao

crime nas periferias como o baile da dezessete em São Paulo, ou no Rio de Janeiro com as UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), as intervenções na Cracolândia na cidade de São Paulo. Essas ações vão aumentando de acordo com os acontecimentos dos eventos nas cidades, um grande exemplo é a introdução dos drones durante as eleições no Brasil para monitorar os locais de votação.

O autor destaca mais adiante sobre as geografias imaginárias relacionadas as construções duplas do espaço segundo Graham ela tem sido essencial para obter legitimação em tomar o espaço do inimigo e destruí-lo.

As geografias imaginativas tendem a ser caracterizadas por fortes binarismos de apego ao espaço. Não surpreende que eles tendam a ser especialmente poderosos e intransigentes em tempos de guerra. A guerra mobiliza uma dialética carregada de apego ao local: a ideia de que os “nossos” lugares são a antítese dos lugares do inimigo demonizado. Com frequência, essa polarização é fabricada e reciclada por meio dos discursos do Estado, amparados por representações adequadas à cultura popular. Ela sentimentaliza determinado espaço enquanto destitui a humanidade dos espaços do inimigo. (GRAHAM, 2016 p. 93).

Essa citação torna-se importante por trazer debates referente ao lucro que a guerra pode gerar, principalmente para o setor imobiliário especulativo, onde o imaginário de uma cidade insegura é cada vez mais ligada a construção do urbano ligados a espaços residenciais, com grande serviço de tecnologia que possa oferecer segurança, está cada vez mais comum no território brasileiro e no mundo.

O planejamento urbano ligado ao militarismo é a tendencia das cidades contemporâneas, com a forte presença de segregação se tornando mais comum no mundo todo. O crescimento desenfreado de favelas ao lado de arranha céus ou mega indústrias se torna cada mais comum no novo urbano.

Outra importante contribuição do autor é sobre o ponto de vista da discussão sobre modernidade um aspecto dialético sobre as contradições do modo de vida urbana e “moderno”, pois a dependência de equipamentos urbanos pode ser atacado facilmente aterrorizado e transformado em caos:

O potencial para a violência catastrófica contra cidades e contra a vida urbana anda lado a lado com a mudança da vida urbana rumo a uma dependência ainda maior de suas infraestruturas modernas - rodovias, metrô, redes de computação, sistemas de água e saneamento, redes de eletricidade, transporte aéreo. Esses sistemas podem ser facilmente atacados e transformados em agentes de terror instantâneo, de caos debilitante ou até de desmodernização. (GRAHAM 2016 P. 346).

A vida cotidiana é afetada em todas as esferas, a cidade se torna palco de luta contra o medo do crime e da violência. Em um mundo cada vez mais urbano com taxas de urbanizações cada vez mais elevadas, o futuro das cidades torna-se uma complexidade instável no mundo todo, sobretudo em cidades em desenvolvimento, o ambiente urbano se tornou o local onde as diferentes zonas de conflitos se convergem, as cidades crescendo em ritmo acelerado e desregulado encontrara a dificuldade da falta de recursos. Onde redes de criminosos irá atuar onde os governantes junto ao sistema capitalista neoliberal não alcançou. O crescimento urbano então torna-se símbolo da crescente de separação entre o rico e o pobre, e as tensões entre diferentes grupos étnico e religioso se torna elemento principal da paisagem urbana. Um cenário que está planejado para a pobreza de muitos coexistir com o desenvolvimento do capital com concentração de riqueza cada vez maior.

Um campo fértil de conflito onde a doutrina militar tecnológica está cada vez mais presente. Grupos sociais estarão cada vez mais buscando soluções para sobreviver, onde o mundo do crime ilude a sociedade como uma alternativa para a crescente massa de desemprego. Grupos buscam se organizar em busca de moradia e seus direitos básicos onde são reprimidos pela força do estado com todo tipo de equipamentos de segurança. Esse constante movimento de conflito em escala pode ser observado no espaço urbano. Tornam-se um desafio para a geografia e as demais ciências em descrever esses crescentes conflitos no cotidiano nas cidades brasileiras.

Na cidade de Aquidauana ainda não possui esse aumento descontrolado da violência urbana, os bairros são tranquilos e os índices de violência sobre os crimes que chamam a atenção não acontecem com tanta frequência, mas ela não está livre dos agentes que contribuem para a construção do imaginário coletivo como os jornais sensacionalistas que faz parte do cotidiano de muitos cidadãos.

## **A produção do imaginário da insegurança urbana**

O espaço urbano e as relações que se desenvolvem no cotidiano acaba gerando uma percepção coletiva entre os cidadãos. A produção do imaginário de uma cidade pode ocorrer por diversos motivos entre eles a violência urbana. Magrini (2013) aponta que:

A produção do imaginário das cidades inseguras é feita a partir da interação entre aspectos materiais e subjetivos que fazem com que tendamos a contrapor o cotidiano as situações e espaço seguros e inseguros, de acordo com parâmetros previamente veiculados nos discursos e imagens que tentam sustentar esse imaginário. (MAGRINI 2013, P. 55).

A partir dessa citação entende-se que os aspectos subjetivos e materiais que são criados, faz com que criamos mecanismos e comportamentos de auto segurança, assim como o discurso generalizado do discurso da violência entre a sociedade. Segundo Bauman (2008) medo é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito. Vivemos numa era onde o medo é sentimento conhecido de toda criatura viva. O medo sempre fez parte do comportamento humano, mas a vida urbana moderna se reproduz através da criminalidade.

Magrini (2013) aponta diferentes autores e elementos que contribuem para a produção do imaginário de insegurança:

De maneira geral, ressaltamos a ação de cinco grupos de agentes que contribuem indiretamente para a produção das representações de insegurança: a) a mídia, b) os promotores imobiliários, c) as empresas que oferecem equipamentos e serviços ligados à busca privada por segurança, d) os políticos e, e) a própria sociedade, que reproduz e resignifica as representações produzidas pelos demais agentes. A identificação deste conjunto de agentes produtores não exclui a participação de muitos outros agentes que, de forma direta e/ou indireta, contribuem para que a insegurança urbana seja central no cotidiano dos cidadãos. Estes foram selecionados por suas ações serem mais emblemáticas para nosso contexto de análise. Porém, não é fácil estabelecer correlações unívocas ou vínculos causais estreitos entre a ação desses agentes e a produção do imaginário das cidades inseguras. (MAGRINI 2013, P 56).

No sentido da contribuição da autora pode-se identificar os cinco autores que contribuem diretamente na produção da insegurança, todos eles influenciados pela lógica do mercado tanto a mídia que produz conteúdos espetaculosos em buscar audiência, e o mercado imobiliário que aproveita para criar e vender espaços fortemente securitizados, isso ocorre em diversas cidades inclusive com maior frequência em cidades da América latina. Os Políticos produzem propostas e soluções radicais e incoerentes em busca de votos e a sociedade reproduz as articulações dos demais agentes, onde promove uma relativa imagem do espaço urbano.

O desenvolvimento dos meios de comunicações, é um dos principais símbolos do progresso e orgulho da ciência, fruto da modernidade. Em um passado não muito distante as notícias eram contadas oralmente, certamente pode-se imaginar que o medo e as preocupações que existiam no cotidiano eram na maior parte sobre mitos e lendas.

Outra contribuição importante sobre a mídia no trabalho de Magrini é que o medo vem sendo historicamente manipulado para a obtenção de múltiplas vantagens, onde essa imagem de insegurança é potencializada pelo desenvolvimento dos meios de comunicações.

A autora destaca o importante papel da mídia.

Consideramos que a mídia é o principal agente produtor das imagens e discursos que constituem o imaginário das cidades inseguras, pois é ela que dá visibilidade, amplifica e sustenta as ações e intenções de todos os outros agentes, ao apresentar aos seus consumidores as “necessidades” do mundo contemporâneo. A sociedade em si também tem papel de destaque nessa produção, pois ela é ao mesmo tempo alvo das representações veiculadas, reprodutora e produtora de transformações de suas significações, a partir das contraposições que realiza nas práticas socioespaciais cotidianas. (MAGRINI 2013, P.64).

A mídia torna-se muito importante na sociedade contemporânea é onde são transmitidas as principais informações do cotidiano, a violência é noticiada diariamente e tende a render muita audiência como um público acompanhando um espetáculo. O jornalismo policial sensacionalista agora está presente em todo o território nacional exibindo a violência explícita ganhando cada vez mais espaço no dia a dia dos cidadãos.

Adorno traz contribuições sobre o caráter mercadológico dos meios de comunicações, tendo como principal objetivo o espetáculo midiático sobre o cotidiano.

O que mais causa impacto nas notícias veiculadas pelos meios de comunicação talvez não seja o conflito de classes ou a miséria em que se encontra imersa grande parte dos protagonistas. O maior impacto fica por conta do show proporcionado pela mídia: os textos que revelam a crueza dos acontecimentos, as fotos que não desmentem ninguém, o vídeo que capta a fala dos diferentes e desiguais, sejam vítimas, agressores, autoridades ou expectadores, transfigurados em testemunhas. Nesse espetáculo, a violência da desigualdade social cede lugar ao relato minudente da violência intersubjetiva. Não há qualquer pudor na exposição de corpos mutilados, nus, desfigurados; não há o mínimo respeito pela privacidade dos cidadãos, cuja vida é devassada como se nela se pudessem ver com clareza os sinais de seu infortúnio: fala-se em uma vida eivada de vícios e de deslizes morais; mostram-se armas e instrumentos; descreve-se o modus-operandi do agressor ou agressores; identificam-se situações de premeditação do crime. (ADORNO 1998, P. 127).

Esse tipo de comportamento midiático vem sendo cada vez mais frequente no Brasil, e cada vez mais assistido pela família tradicional, o respeito a dor de famílias que estão sofrendo com os conflitos no cotidiano não existe. E pessoas são jugadas e humilhadas através de boatos trabalhados pela reportagem ao vivo onde acaba gerando cada vez mais transtornos a vida urbana. A violência por vez acaba se tornando um espetáculo onde se mistura humor e um falso moralismo, intensificando cada vez mais o sentimento de impunidade e insegurança.

Muitos são os autores que identificam a violência transmitida na mídia, e realmente se torna um fato cada vez mais presentes nas mídias, sobretudo, no território brasileiro. Diante de tantos programas sensacionalistas disponível na televisão brasileira. Em 2020 o senado analisou um projeto de lei 24/2020, a ideia foi encaminhada pelo portal e-cidadania pelo internauta Jonas Rafael de Rossato, onde proíbem empresas midiáticas de (programas policiais), principalmente as regionais que produzem conteúdos relacionados a violência, sob o pretexto de informar, sugerindo a proibição desses conteúdos entre as 6h as 22h no horário livre. Propostas que ocorreram em outros países da América Latina como Uruguay propondo muitos avanços e o enfraquecimento desse tipo de jornalismo.

A mídia possui um papel fundamental na sociedade, na esfera política e econômica, é capaz de gerar uma consciência cultural nos cidadãos. A televisão e o rádio e as mídias digitais se tornaram indispensáveis no cotidiano urbano. O crime representa uma ameaça a vida, devido a sua crescente presença no cotidiano, a mídia atua explorando e produzindo intensos conteúdos sobre a desgraça alheia, acaba gerando a sensação de insegurança, a indução do medo acaba sendo indutora e justificador de políticas autoritárias e controle social.

Os autores apresentados até aqui com o propósito de demonstrar as várias pesquisas referente a atuação na mídia no espaço ainda que necessite de um grau de certeza sobre o tema, já podemos compreender o significativo papel da mídia e seu comportamento.

De acordo com o recorte espacial que o trabalho propôs em trabalhar a cidade de Aquidauana, foi feito um levantamento sobre como a mídia tem atuado sobre a cidade, com o objetivo de fazer uma reflexão sobre o comportamento da mídia local.

Em 2018 com a ajuda de acadêmicos do curso de geografia, durante o projeto de PIBIC, foram aplicados 150 formulários de pesquisa junto a moradores de Aquidauana, perguntando por qual meio de comunicação os mesmos se informam sobre notícias de sua cidade. 100 pessoas responderam que têm a preferência pela internet, isso com pessoas de diferente faixa etária.

Em uma pesquisa sobre os meios de comunicação em Aquidauana, encontrou-se o site o Pantaneiro como um dos principais meios de comunicação local, feito nas formas impressa e digital. Na plataforma digital do site do jornal encontra-se um mecanismo de busca inteligente, que filtra os resultados na plataforma disponível pelo banco de dados do site.

Em uma simples busca no site sobre o crime de furto no centro de Aquidauana no ano de 2021, o ano que escolhemos para fazer uma espacialização do crime de furto na cidade de Aquidauana. Na figura 1 e figura 2, encontra-se o resultado de aproximadamente 439 resultados de notícias referente ao furto, enquanto que para outros bairros como Nova Aquidauana, a quantidade de resultados encontrados mais que triplica.

## Figura 1 - Pesquisa sobre furto no centro de Aquidauana 2017

The screenshot shows a search engine interface with a navigation bar at the top containing links like 'Página Inicial', 'Últimas Notícias', 'Memórias Pantaneiras', 'Guia Cidade', 'Vídeos', 'Colunistas', 'Charges', 'Cidades', 'Mais', and 'Identifique-se'. Below the navigation bar, there are tabs for 'Web' and 'Imagem'. The search results section shows 'Aproximadamente 439 resultados (0.29 segundos)' and a 'Classificar por: Relevância' dropdown. Three search results are visible, each with a small thumbnail image and a text snippet. A WhatsApp chat bubble with a '2' notification is overlaid on the right side of the page.

Página Inicial Últimas Notícias Memórias Pantaneiras Guia Cidade Vídeos Colunistas Charges Cidades Mais Identifique-se

Web Imagem

Aproximadamente 439 resultados (0.29 segundos) Classificar por: Relevância

**Aquidauana: mulher teria sido alvo de furto dentro de lotérica - O ...**  
[www.opantaneiro.com.br > num-piscar-de-olho > aquidauana-mulher-teria...](#)  
 **Aquidauana: mulher teria sido alvo de furto dentro de lotérica. Furto aconteceu enquanto a vítima estava na fila. 20 FEV 2017 - 13h29min ...** Pereira, 36, teve a importância de R\$ 279 reais sustraida de sua bolsa, no centro de Aquidauana.

O Pantaneiro  
[www.opantaneiro.com.br](#)  
 **Campo-grandense captura surubim de 140 cm no Rio Aquidauana ...** Polícia prende homem por furto e apreende adolescente por recepção em Aquidauana.

Idoso de 70 anos é vítima de furto no centro de Aquidauana - O ...  
[www.opantaneiro.com.br > policial > ancao-de-70-anos-e-vitima-de-furto...](#)  
 ... de 70 anos é vítima de furto no centro de Aquidauana. Num momento de descuido dois rapazes levaram seu celular. Por Redação 16 ABR 2017 - 07h52min ...

Entre em nosso grupo 

## Figura 2 - Pesquisa sobre furto no bairro Nova Aquidauana 2017

The screenshot shows a search engine interface similar to Figure 1. The navigation bar is at the top. Below it, there are tabs for 'Web' and 'Imagem'. The search results section shows 'Aproximadamente 3,140 resultados (0.24 segundos)' and a 'Classificar por: Relevância' dropdown. Three search results are visible, each with a small thumbnail image and a text snippet. A WhatsApp chat bubble with a '2' notification is overlaid on the right side of the page.

Página Inicial Últimas Notícias Memórias Pantaneiras Guia Cidade Vídeos Colunistas Charges Cidades Mais Identifique-se

Web Imagem

Aproximadamente 3,140 resultados (0.24 segundos) Classificar por: Relevância

**Ladrão corta cerca e furta bicicleta no Bairro Nova Aquidauana - O ...**  
[www.opantaneiro.com.br > aquidauana > ladrao-corta-cerca-e-furta-biciclet...](#)  
 29 Dez 2017 ... Uma mulher de 47 anos procurou a Polícia Civil para denunciar o furto de sua bicicleta, no Bairro Nova Aquidauana, em Aquidauana, na tarde ...

Menor é apreendido após furtar bolsa no Bairro Nova Aquidauana ...  
[www.opantaneiro.com.br > aquidauana > menor-e-apreendido-apos-furtar...](#)  
 4 Out 2011 ... Menor é apreendido após furtar bolsa no Bairro Nova Aquidauana. Ele ainda tentou se esconder em uma residência. Ocorrência foi registrada ...

Polícia investiga furto de motocicleta no Nova Aquidauana - O ...  
[www.opantaneiro.com.br > policial > policia-investiga-furto-de-motocicleta...](#)  
 5 Jul 2018 ... Polícia investiga furto de motocicleta no Nova Aquidauana ... uma motocicleta, ocorrido durante esta madrugada, no bairro Nova Aquidauana.

Idoso sofre furto no bairro Nova Aquidauana - O Pantaneiro

Entre em nosso grupo 

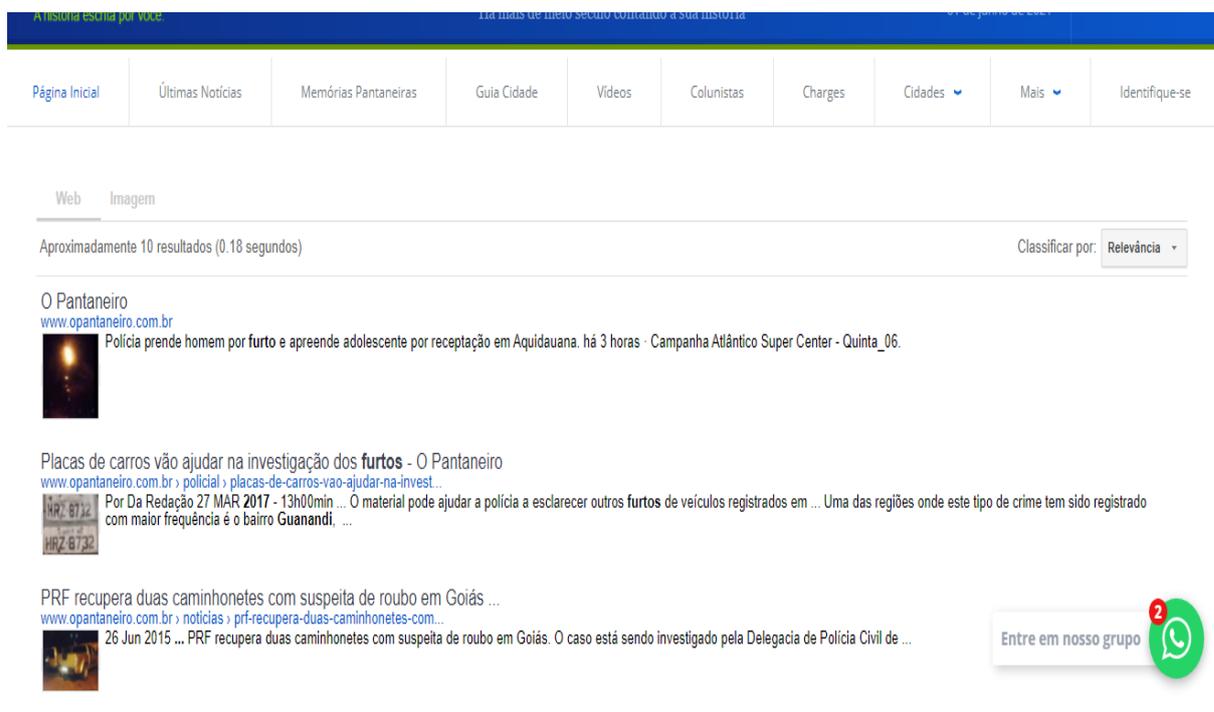
A quantidade de resultados encontrados sobre o crime de furto no ano de 2017, revela o quanto foi interessante para o jornal em produzir informação sobre esse bairro afastado do centro. Enquanto isso no centro onde foi registrado o maior índice de ocorrência encontra-se poucos resultados.

**Figura 3 - Pesquisa sobre furto no bairro Alto em Aquidauana 2017.**

The image shows a search results page from a website. At the top, there is a navigation bar with links: Página Inicial, Últimas Notícias, Memórias Pantaneiras, Guia Cidade, Vídeos, Colunistas, Charges, Cidades (dropdown), Mais (dropdown), and Identifique-se. Below the navigation bar, there are tabs for 'Web' and 'Imagem'. The search results are displayed in a list format. The first result is titled 'Homem acorda e descobre furto de caminhonete F-350 no bairro Alto' with a date of 20 Mar 2019. The second result is 'Jovem acaba detida após furtar doces de mercado no Bairro Alto - O ...' with a date of 11 Jan 2018. The third result is 'PM prende 3 menores acusados de furto no Bairro Alto - O Pantaneiro' with a date of 25 Abr 2008. On the right side of the page, there is a button that says 'Entre em nosso grupo' with a WhatsApp icon and a notification bubble with the number '2'.

O bairro possui também um grau elevado referente a crimes de furto foi encontrado aproximadamente 296 resultados de notícias sobre o crime de furto. Quantidade bem menor apresentado na busca pelo mesmo crime na Nova Aquidauana.

**Figura 4 - Pesquisa sobre furto no bairro guanandi em Aquidauana 2017**



O mesmo processo foi verificado no bairro do Guanandi onde consideravelmente possui um grau elevado entre os bairros analisados, onde foi pouco trabalhado pela mídia local.

Com uma simples visita ao site de notícias pode-se deparar facilmente com notícias referente aos crimes de furtos quase sempre relacionados a pessoas de classes menos favorecidas. Os mesmos modelos de notícias são vinculados nos programas policiais regionais na TV, conhecido popularmente com o “daténismo” e no rádio da cidade onde frequentemente é encontrada esse tipo de notícia.

**Figura 5 – modelo de notícias na região de Aquidauana.**



O levantamento aqui não foi na intenção de manchar a imagem dos jornais local, tanto que seu comportamento não se compara aos jornais sensacionalistas regionais, que expõem as vítimas, e que fazem humor com os criminosos expondo-os ao ridículo, sem se preocuparem com o sofrimento de suas famílias. O jornal Pantaneiro apenas informa os acontecimentos da região sem muito espetáculo. Mas devido aos resultados encontrados nas pesquisas sobre o crime de furto em bairros periféricos observa-se que os jornais estiveram dispostos a informar uma grande quantidade de acontecimentos nesses locais, deixando de representar certos fatos ocorridos no centro onde há maior índice de crimes referentes ao furto que é o mais comum na cidade.

Entretanto, entende-se que a constante repercussão desse tipo de notícia acaba fortalecendo a produção do imaginário de uma cidade insegura, podendo influenciar no comportamento do cotidiano das cidades pequenas onde vigorava um imaginário a poucas décadas de segurança e tranquilidade, como todas as cidades do interior brasileiro. Mas o avanço do fenômeno urbano acabou mudando essa realidade. Nossa pesquisa também teve o propósito de identificar o grau de insegurança em Aquidauana através de questionário e entrevistas qualitativas apresentadas a seguir.

## **Análise de dados referente à violência em Aquidauana**

Buscando identificar as consequências da violência em cidades pequenas, apresentamos como recorte espacial, e como estudo de caso, a cidade de Aquidauana. Perfazendo uma análise sobre a composição do PIB municipal de Aquidauana cidade polo de sua microrregião, Batista e Farias (2017, p. 5) argumentaram que no período de 1999 a 2014 o município apresentou variações, pois o setor Agropecuário ganhou espaço tendo crescimento médio de 0,59% ao ano, mas setor de Serviço obteve um crescimento médio negativo de -1,11%, porém, o setor Industrial saltou de 9,75% em 1999 para 13,29% em 2014. Embora os autores tenham destacado uma redução do crescimento do setor de Serviços, é preciso destacar que este setor representa 60% da composição do PIB municipal.

Os mesmos autores também analisaram o crescimento populacional de Aquidauana, indicando que no período de 1970 a 2000 apresentou um crescimento mais intenso, 16,7% de (1970 – 1980), 12,5% de (1980- 1996), 9,2 %, (1996 – 2000) e entre 2000 a 2010 com uma outra dinâmica, 3,2% de (2000-2007) apenas 1,5% de (2007-2010). No período de 1970 a 2000 houve um ganho populacional de 14.675 habitantes e no período de 2000 a 2010 houve um ganho populacional de apenas 2174 habitantes. Se pensarmos o período de 2010 a projeção de 2018, verificamos um crescimento populacional de 4,75%. Aquidauana conta com uma população de 48.029 habitantes (IBGE, 2020).

Após uma breve compreensão da evolução urbana e populacional de Aquidauana, para melhor compreensão do espaço que vamos estudar. Identifica-se o fenômeno da violência, compreende que esta ação, refere ao uso da força exagerada e do domínio da vítima sem a oportunidade de defesa.

Tendo por base a análise da dimensão objetiva da insegurança, apresenta-se os dados estatísticos dos crimes registrados em Aquidauana em gráficos, referente aos dados coletados, pois o crime de furto propomos analisar separadamente tendo em vista a quantidade de ocorrências registradas.

No que diz respeito a esta modalidade penal, recorreremos ao Código Penal brasileiro de 1940, que o tipificou em seu artigo 155, como “subtrair, para si ou para

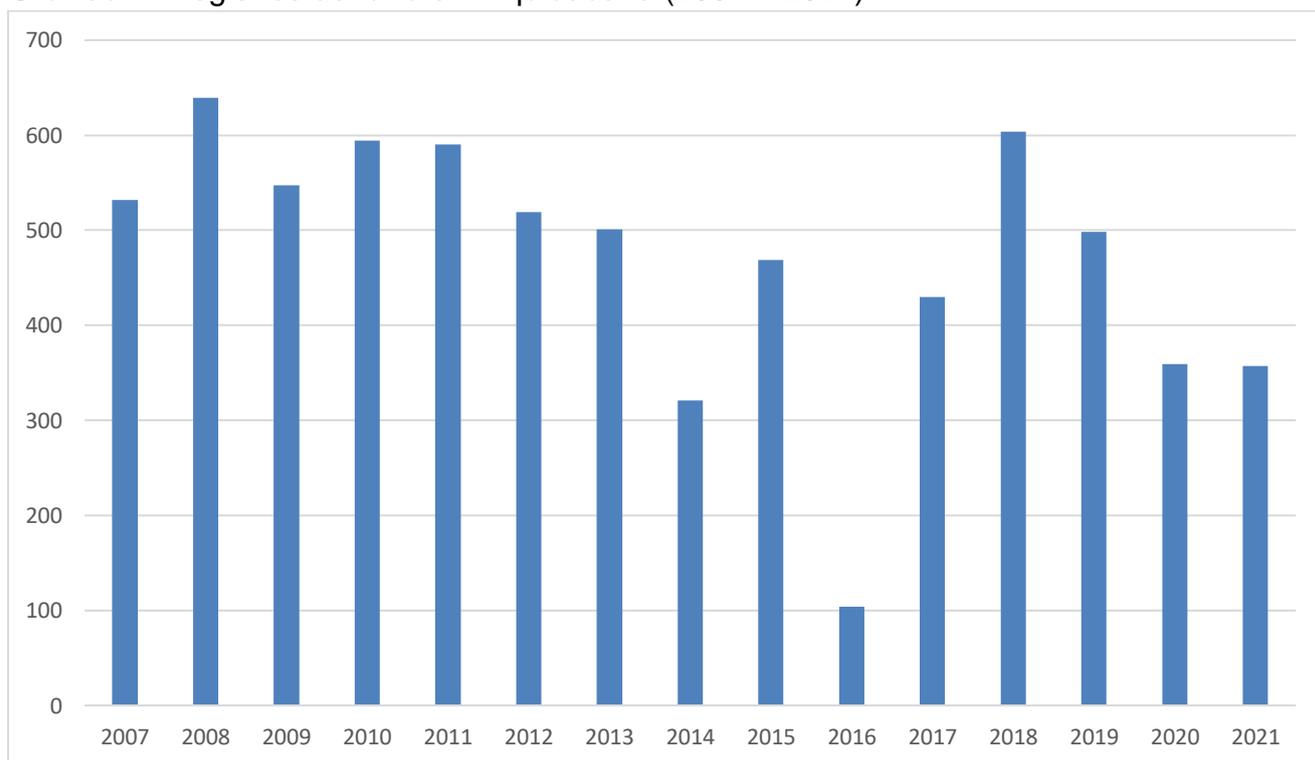
outrem, coisa alheia móvel” (BRASIL, 1940). O mesmo artigo estabelece como pena aos autores do crime, a reclusão de um a quatro anos de prisão e multa.

Analisando a espacialização de furtos em Aquidauana, entre os 34 bairros em que ocorreram esta modalidade de crime, encontramos uma concentração no Bairro Alto e Centro. Destacando-se o Bairro Alto com 20,84%, sendo considerado o maior índice de registros na cidade e, em seguida, o Centro representando 16,84%. Em menor medida, verificamos que o bairro Nova Aquidauana apresentou um índice de 7,36% e o bairro Santa Terezinha 4,84%.

Consideramos que a análise espacial do crime de furto indica uma concentração das ocorrências em áreas nobres (Bairro Alto e Centro).

Para analisar os crimes que causam maior comoção social ocorridos em Aquidauana, foram organizados no Gráfico 2 onde são apresentados os dados estatísticos registrados entre o período de 2007 a 2021.

**Gráfico 1:** Registros de furto em Aquidauana (2007 – 2021)



Fonte: Sigo, 2022.

Notadamente há uma grande diferença na incidência do crime de furto na cidade estudada. Destaca-se o ano de 2008 com o registro de 639 ocorrências, apresentando a partir de então uma redução no volume de ocorrências nos anos

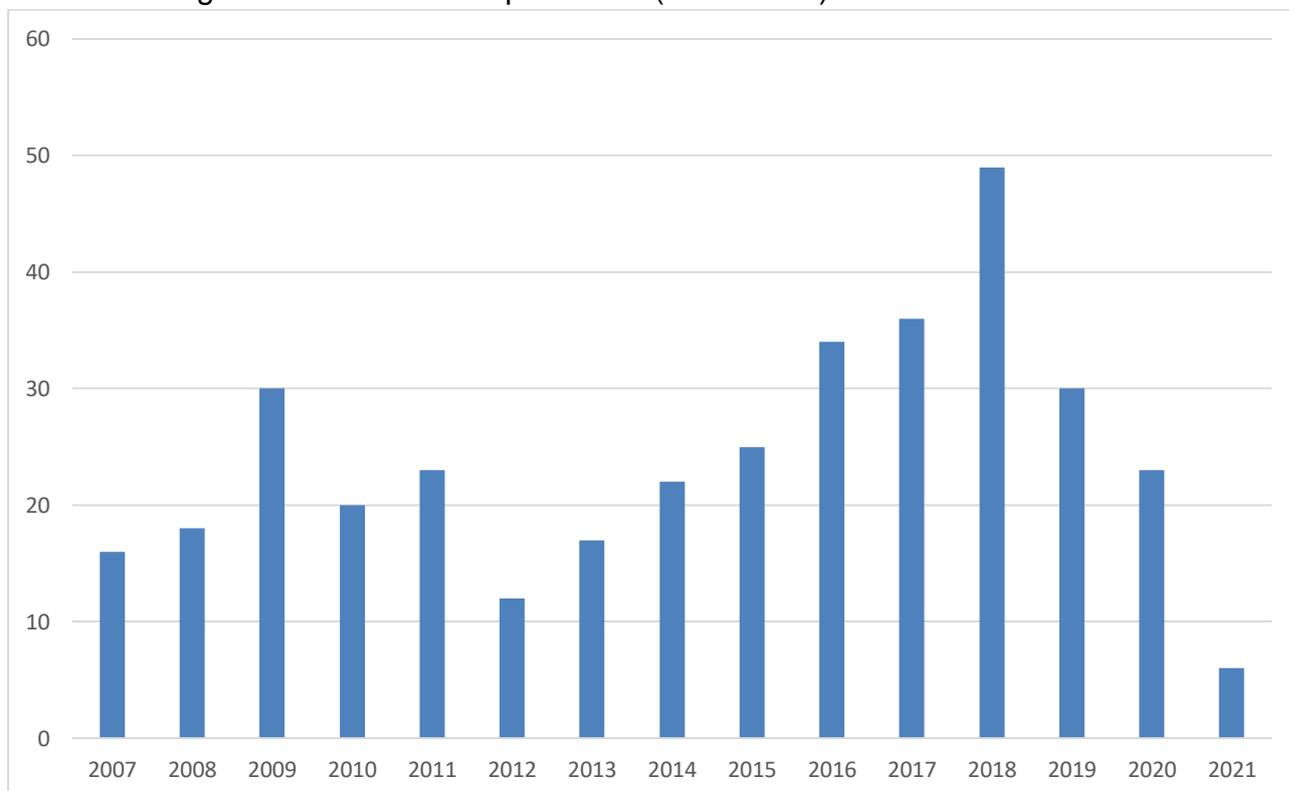
seguintes provavelmente pela ação policial na cidade sobre essa modalidade de crime. Em visão geral, verificamos que o índice de furto em Aquidauana está reduzindo gradualmente, embora tenha registrado taxas de redução maiores em 2014.

Analisando o total de ocorrências registradas em 2017, constatou-se que esta tipicidade penal representou 7,59% do total de ocorrências nas Delegacias de Polícia Civil. Dentre os crimes estudados nesta pesquisa, o furto foi o mais expressivo.

Entre 2018 a 2021 nota-se uma queda nos índices de ocorrências, essa queda é justificada devido a pandemia que isolou as pessoas em suas casas.

Outra modalidade penal estudada foi o roubo se insere nos crimes contra o patrimônio, tipificado pelo artigo 157 do Código Penal brasileiro, como “subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzindo a possibilidade de resistência” (BRASIL, 1940). conforme o gráfico 2.

**Gráfico 2:** registro de roubo em Aquidauana (2007-2022)



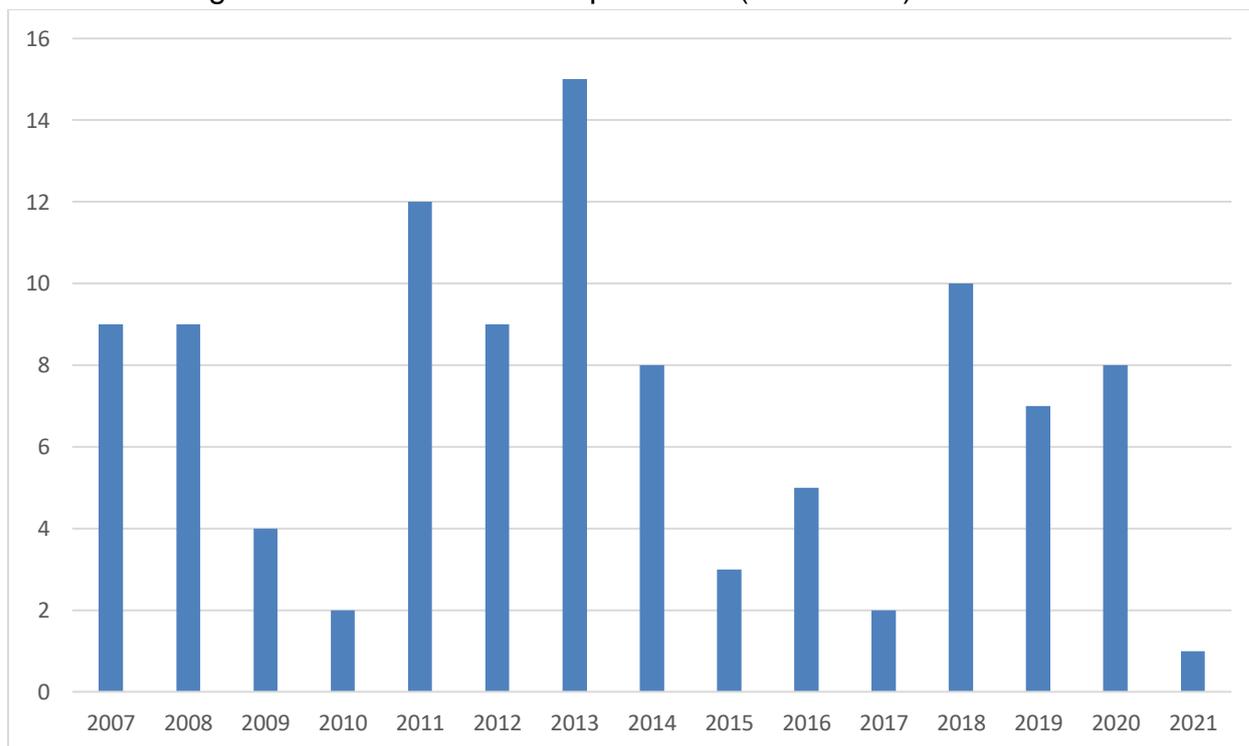
Fonte: Sigo, 2022.

Verificou-se em Aquidauana três períodos de oscilações das ocorrências, o primeiro de 2007 a 2009, apresentando um aumento de 87,5%, o segundo período de 2009 a 2012, com uma redução de 60% e o terceiro período de 2012 a 2017, voltando a crescer, apresentando um aumento de aproximadamente 40% ao ano.

O crime de roubo também sofreu queda devido a pandemia entre os anos de 2019 a 2021. Um ano antes em 2018 ocorreu o maior índice de assaltos na cidade atingindo 49 ocorrências.

A terceira tipicidade penal estudada diz respeito ao crime de homicídio, ele abre a parte especial do Código Penal brasileiro, descrito entre os crimes contra a vida, o qual contempla além do homicídio, os crimes de induzimento, instigação ou auxílio ao suicídio, infanticídio e aborto. A tipicidade penal do homicídio é expressa no artigo 121, “matar alguém” (BRASIL, 1940). A dinâmica deste crime, está apresentada no gráfico 3.

**Gráfico 3:** Registros de homicídio em Aquidauana (2007-2022)



Fonte: Sigo, 2022.

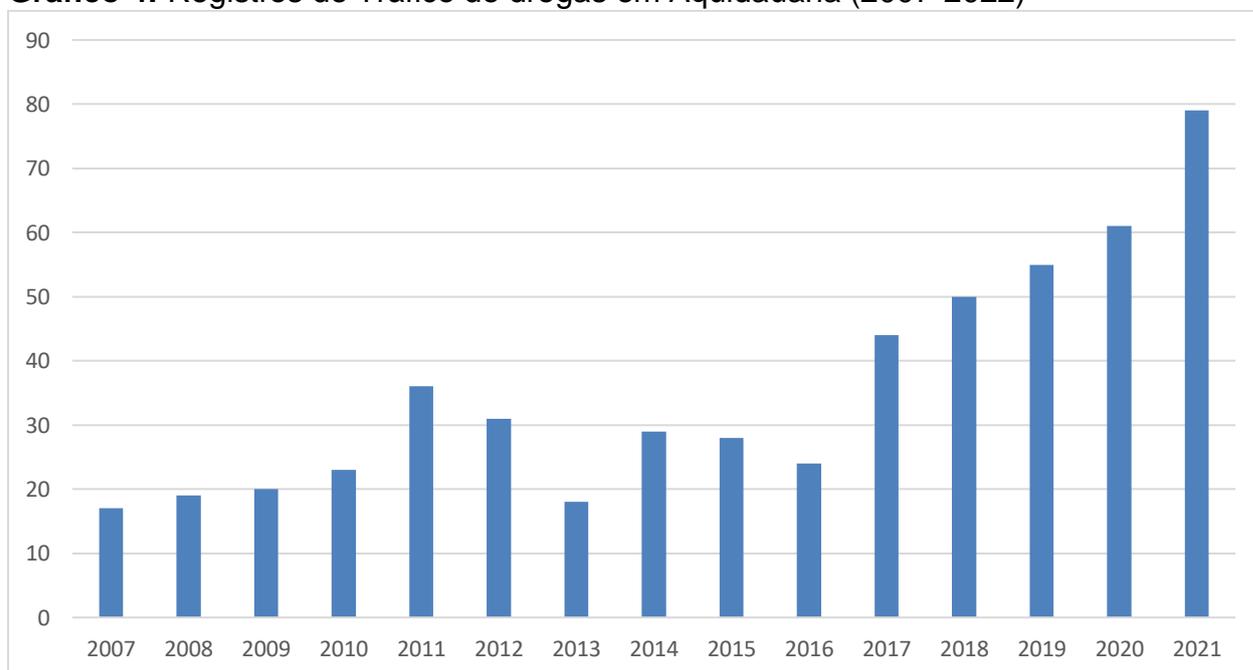
No gráfico 3, nota-se que ora Aquidauana apresenta índices maiores, à dinâmica das ocorrências, demonstraram bastantes variações, onde podemos destacar os períodos de 2007 a 2010 (redução de 77,7%), 2010 a 2013 (aumento,

não linear de 650%) e 2013 a 2016 (redução de 66,6%), não sendo registrada nenhuma ocorrência em 2017.

Em 2013 foi o ano onde teve maior incidência desse crime chegando a registrar 15 homicídios. Pois em 2021 a redução foi destacada devido a pandemia o mesmo fator que reduziu os crimes apresentado anteriormente, chegando a uma morte na cidade índices parecidos com 2010 e 2017.

O último crime estudado foi o crime de tráfico de entorpecentes e foi descrito pelo artigo 33 do Código Penal brasileiro, “importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal” (BRASIL, 1940). Regulamentando a pena de reclusão de 5 (cinco) a 15 (quinze) anos e pagamento de 500 (quinhentos) a 1.500 (mil e quinhentos) dias-multa. A distribuição das ocorrências entre o período de 2007 a 2017, apresenta-se no gráfico 4.

**Gráfico 4:** Registros de Tráfico de drogas em Aquidauana (2007-2022)



Fonte: Sigo, 2022.

Analisando o gráfico 4 observa-se que Aquidauana predomina com maior quantidade de ocorrências relacionadas ao tráfico de drogas. A respeito da variação das ocorrências ao longo do período estudado, verificou-se um aumento de 111,7%

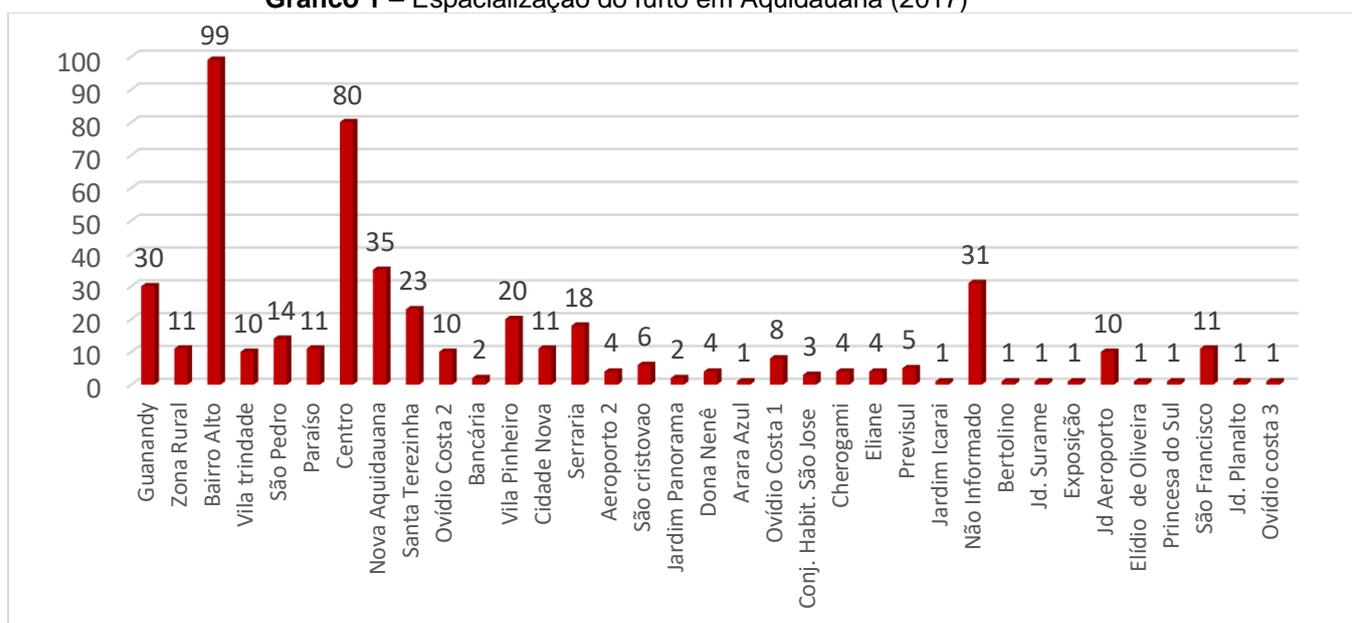
(2007 a 2011), acompanhado de uma redução de 50% (2011 a 2013), voltando a aumentar novamente entre 2013 a 2017 (144,4%).

Após 2018 essa modalidade de crime apresentou uma mudança curiosa, pois os demais crimes reduziram, mas o tráfico de entorpecentes aumentou consideravelmente até 2021 atingindo 79 ocorrências obtendo o maior índice já visto na cidade.

Os quatro gráficos apresentados mostram que embora as tipicidades penais de furto, roubo, homicídio doloso e tráfico de entorpecentes apresentem bastante dinamismo na cidade estudada, inclusive com sinalização de aumentos nos últimos anos, verificamos que a sua incidência anual não é expressiva.

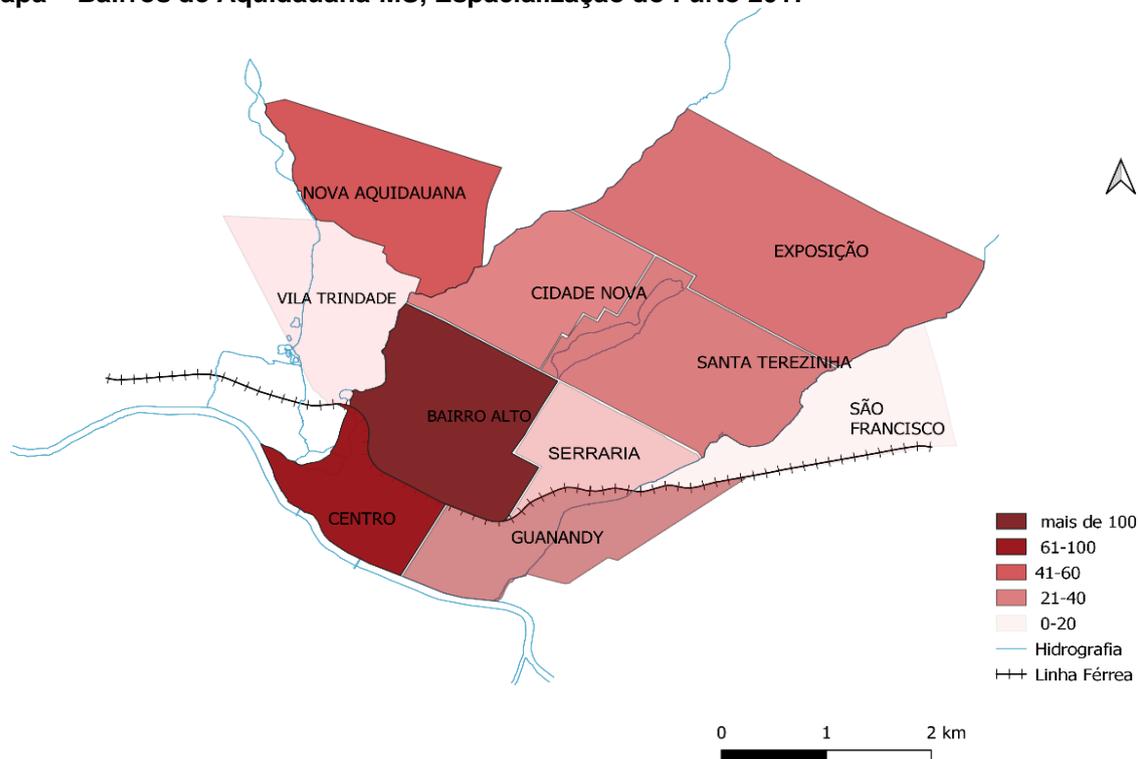
De modo a analisar a insegurança urbana em Aquidauana, foram coletados dados estatísticos sobre crimes de furto e analisados separadamente devido a sua maior expressão no município. Com o recorte espacial apresentado em gráfico e no mapa a seguir, com base nos boletins de ocorrências registrados em 2017. De modo a favorecer a análise sobre os bairros em que esta modalidade penal se manifesta, foi elaborado o gráfico 1, e o mapa 1 sobre a espacialização dos furtos registrados nas Delegacias de Polícia Civil de Aquidauana. A respeito do crime de furto, Batista (2008, p.106) apoiado em Mirabete (2006) definiu o crime de furto como “o assenhoreamento da coisa com o fim de apoderar-se dela de modo definitivo”.

**Gráfico 1 – Espacialização do furto em Aquidauana (2017)**



**Fonte:** Delegacia Regional de Polícia Civil de Aquidauana  
**Org.:** Moscardi, 2021

**Mapa – Bairros de Aquidauana-MS, Espacialização do Furto 2017**



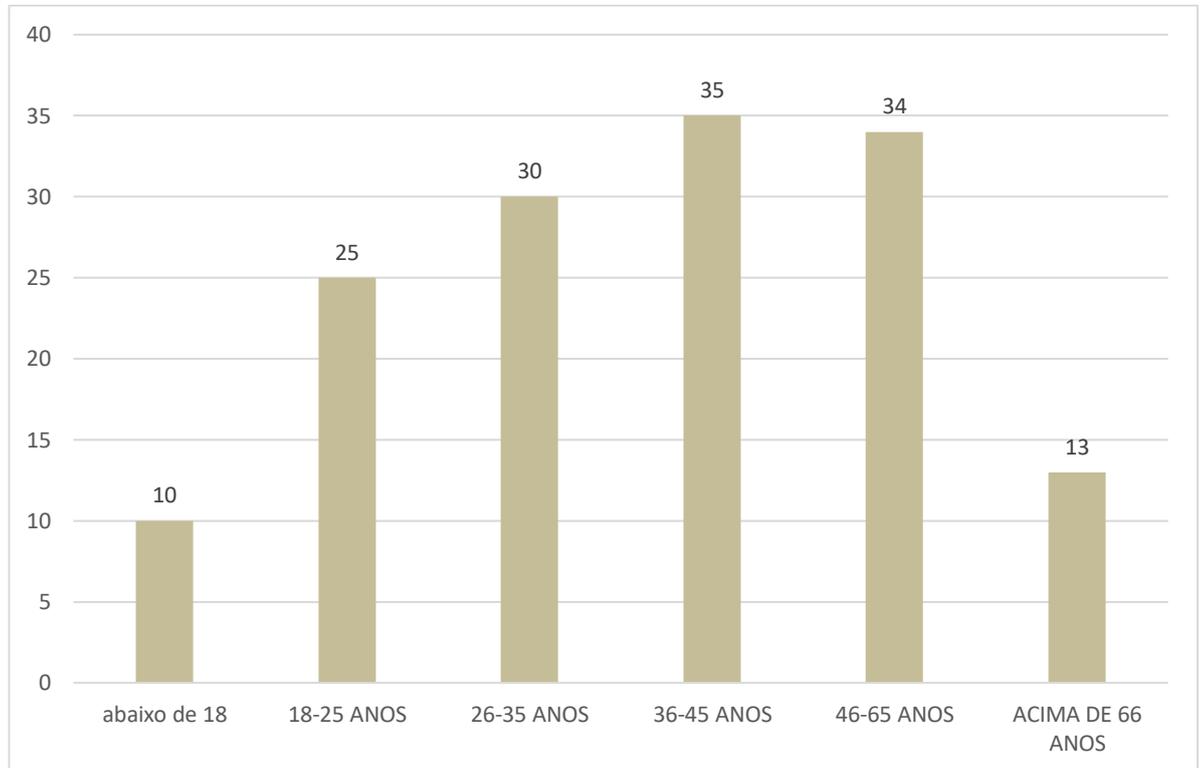
Pibic, 2018.

Apoiado em Magrini (2013), que argumenta que a investigação dos imaginários urbanos é enriquecida pela utilização simultânea de metodologia quantitativa e qualitativa, que favorece a apreensão da complexidade que é o espaço urbano. Assim nessa tentativa aplicando nesta metodologia utilizando formulários de pesquisa junto a diferentes moradores da cidade estuda em diferentes bairros, com o objetivo de identificar a percepção da insegurança coletiva. Para entender como a cidade de Aquidauana está influenciado pelo discurso da violência dos grandes centros urbano, e compreender a subjetividade da insegurança em seu espaço urbano, foi proposta a aplicação de 150 formulários de pesquisa em Aquidauana, afim de obter informações sobre a população e identificar em qual bairro a sensação de insegurança é maior.

Apresenta-se o perfil dos entrevistados na cidade para ter mais informações sobre os cidadãos que responderam os formulários.

Gráfico referente a idade dos cidadãos que responderam os formulários, varia em diferentes idades, mas a idade predominante é entre 36 a 45 anos.

**Gráfico 3:** Idade dos entrevistados

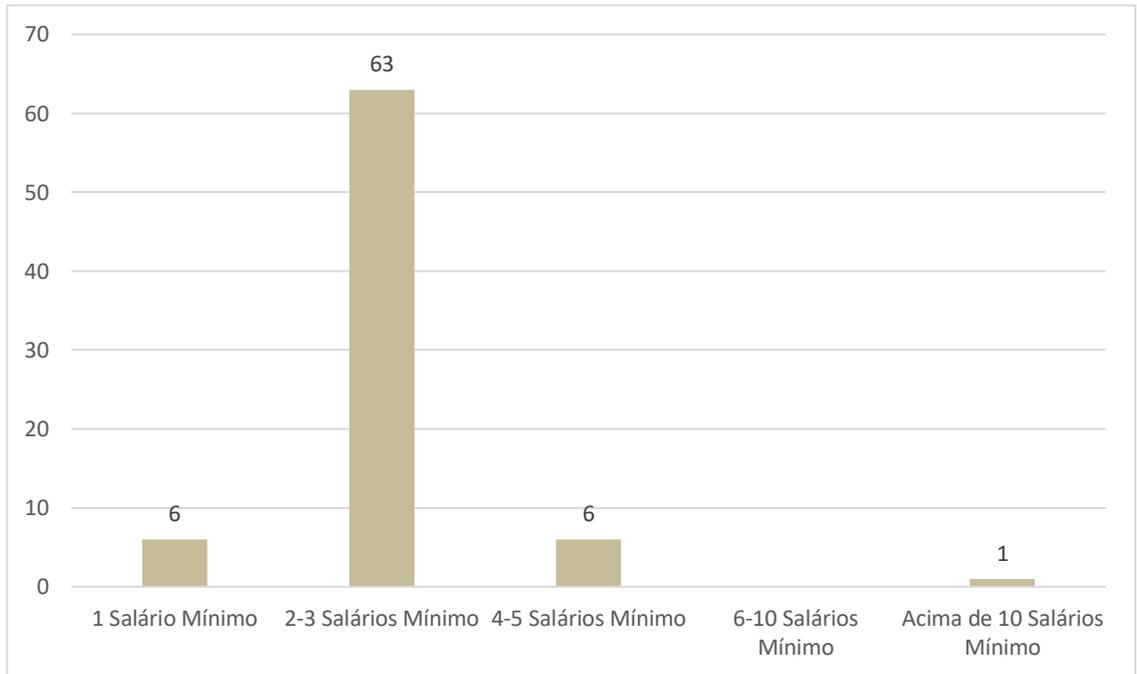


**Fonte:** Questionários aplicados em Aquidauana, PIBIC.

**Org.:** Moscardi, 2021

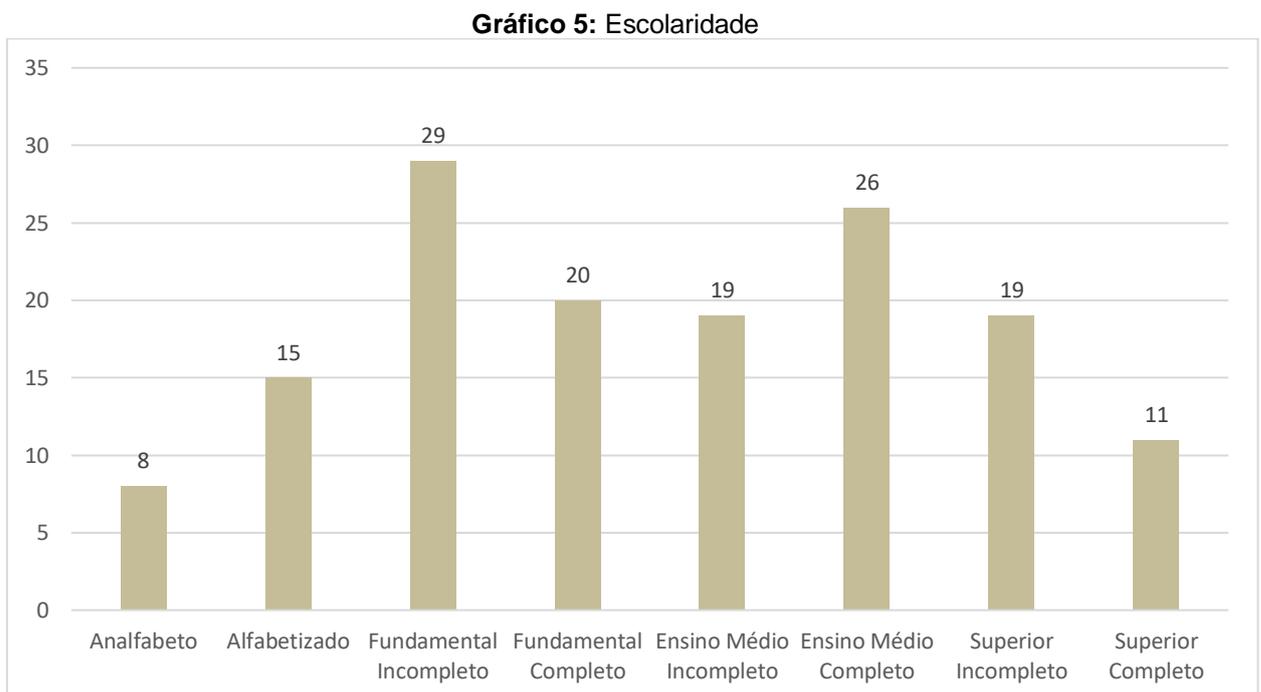
O gráfico 4 apresenta a renda famílias dos cidadãos da cidade de Aquidauana e a renda que predomina entre os entrevistados é de 2-3 salários mínimo somando 63 dos 150 que responderam os formulários.

**Gráfico 4:** Renda familiar



**Fonte:** Questionários aplicados em Aquidauana, PIBIC.  
**Org.:** Moscardi, 2021

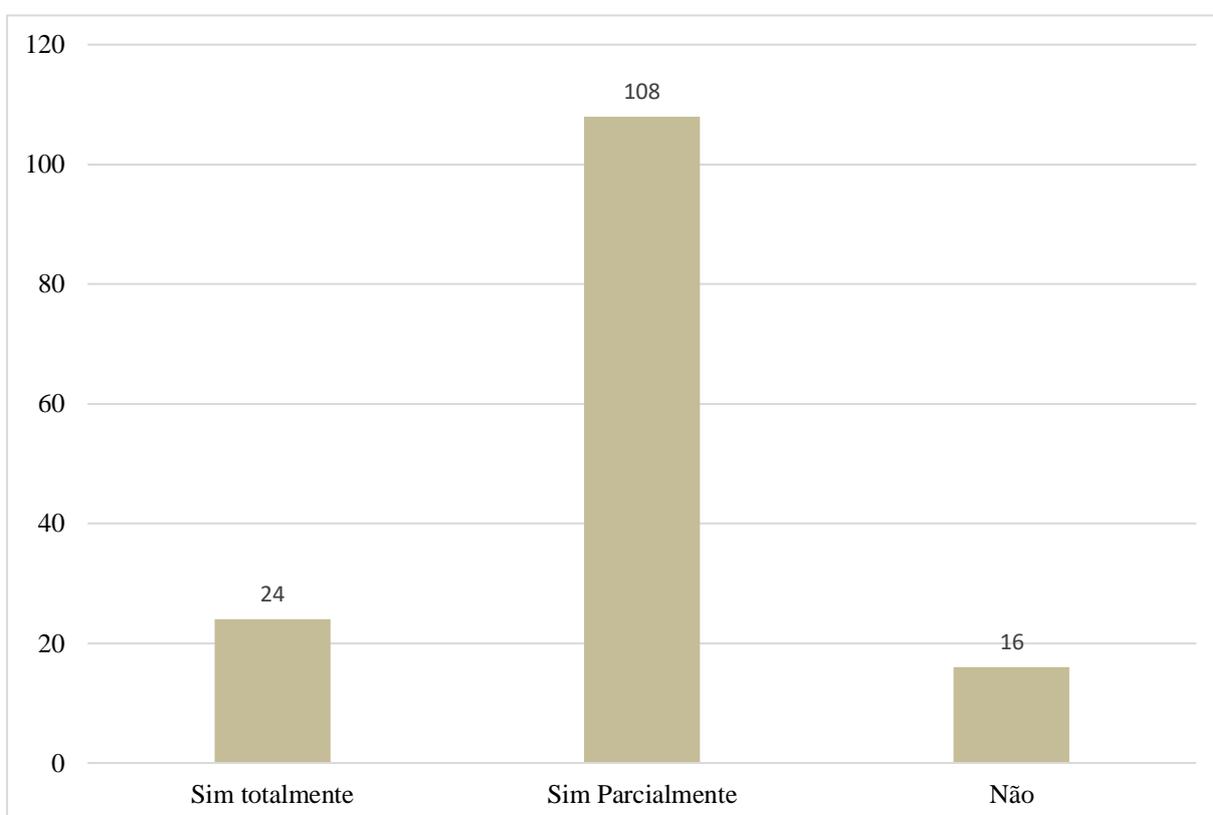
O gráfico 5 apresenta a escolaridade dos entrevistados que apresenta a maioria com ensino fundamental incompleto e ensino médio completo, apresentando também uma pequena quantidade de analfabetos e outra pequena porcentagem que possui o ensino superior completo. Identifica-se diferentes níveis de escolaridades entre os entrevistados.



**Fonte:** Questionários aplicados em Aquidauana, PIBIC.  
**Org.:** Moscardi, 2021

Após um perfil básico sobre os entrevistados, apresenta-se os dados obtidos na entrevista referente a percepção da insegurança. A pergunta feita aos entrevistados foi se eles consideram a cidade de Aquidauana insegura. Optou-se por trabalhar com respostas fechadas, sendo que as alternativas apresentadas foram: “sim totalmente”, “sim parcialmente” e “não”. O resultado está apresentado no gráfico 6.

**Gráfico 6.** Você considera sua cidade insegura?



**Fonte:** Questionário de pesquisa aplicado em Aquidauana, PIBIC.

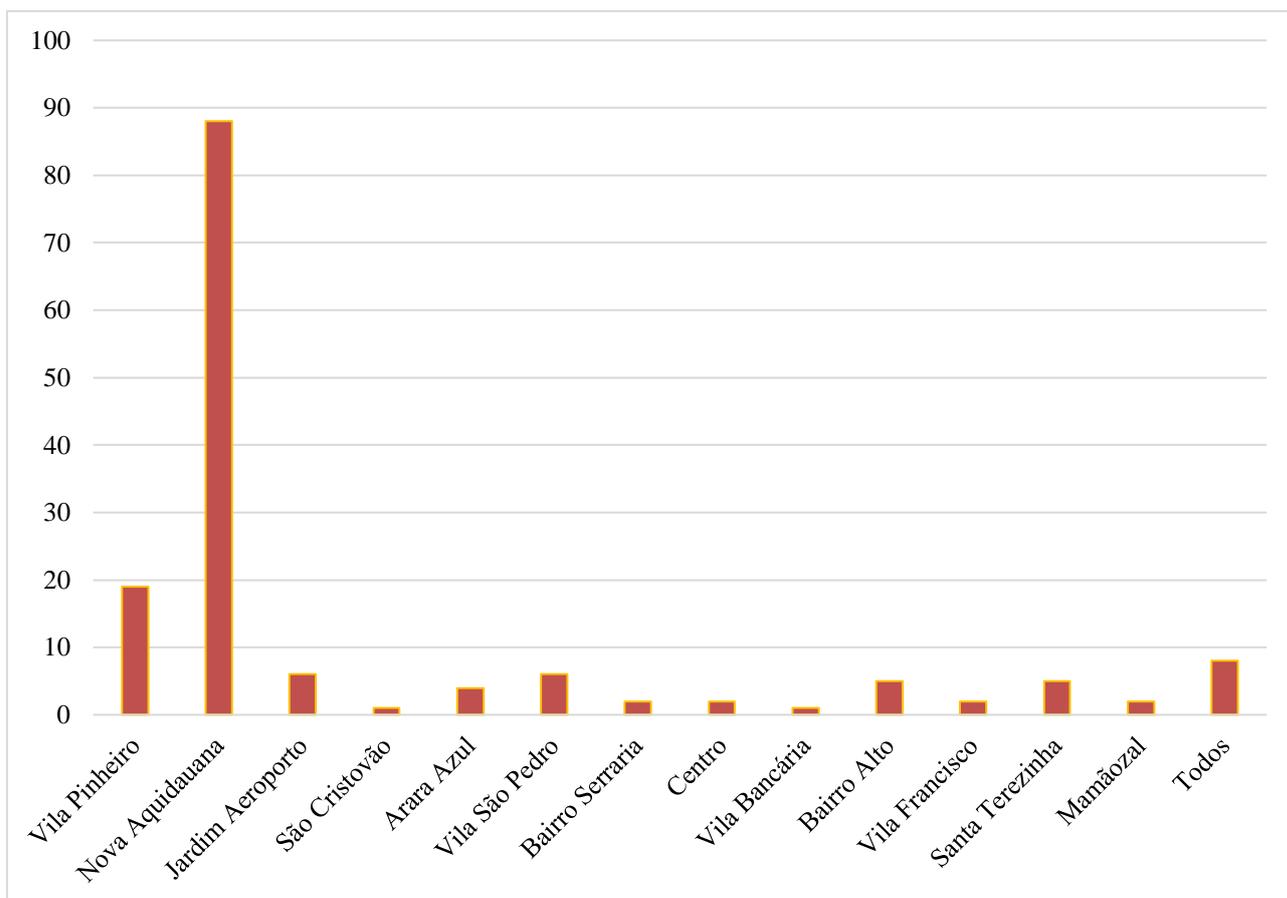
**Org.:** Moscardi, 2021

Observamos neste gráfico que 108 pessoas entrevistadas consideram Aquidauana uma cidade parcialmente insegura, outras 24 pessoas responderam que se sentem totalmente inseguras no município, outras 18 pessoas responderam que se sentem seguras. Observa-se que o gráfico 3 contribui para identificar como o discurso da violência relacionado às metrópoles afeta a percepção dos moradores de uma cidade pequena, essa percepção coletiva afeta as relações socioespaciais.

Os dados não são suficientes para provar esse fenômeno, mas percebe o início de um comportamento que é comum nas cidades brasileiras.

Outra pergunta aplicada na pesquisa sobre a percepção da violência e qual bairro é mais inseguro encontra-se a seguir no gráfico 7. Foi identificado que 90 pessoas reconhecem o bairro Nova Aquidauana inseguro colaborando para confirmar a proposta de que Aquidauana é influenciada pelo discurso de cidade insegura.

**Gráfico 7.** Em qual bairro você sente mais insegurança?

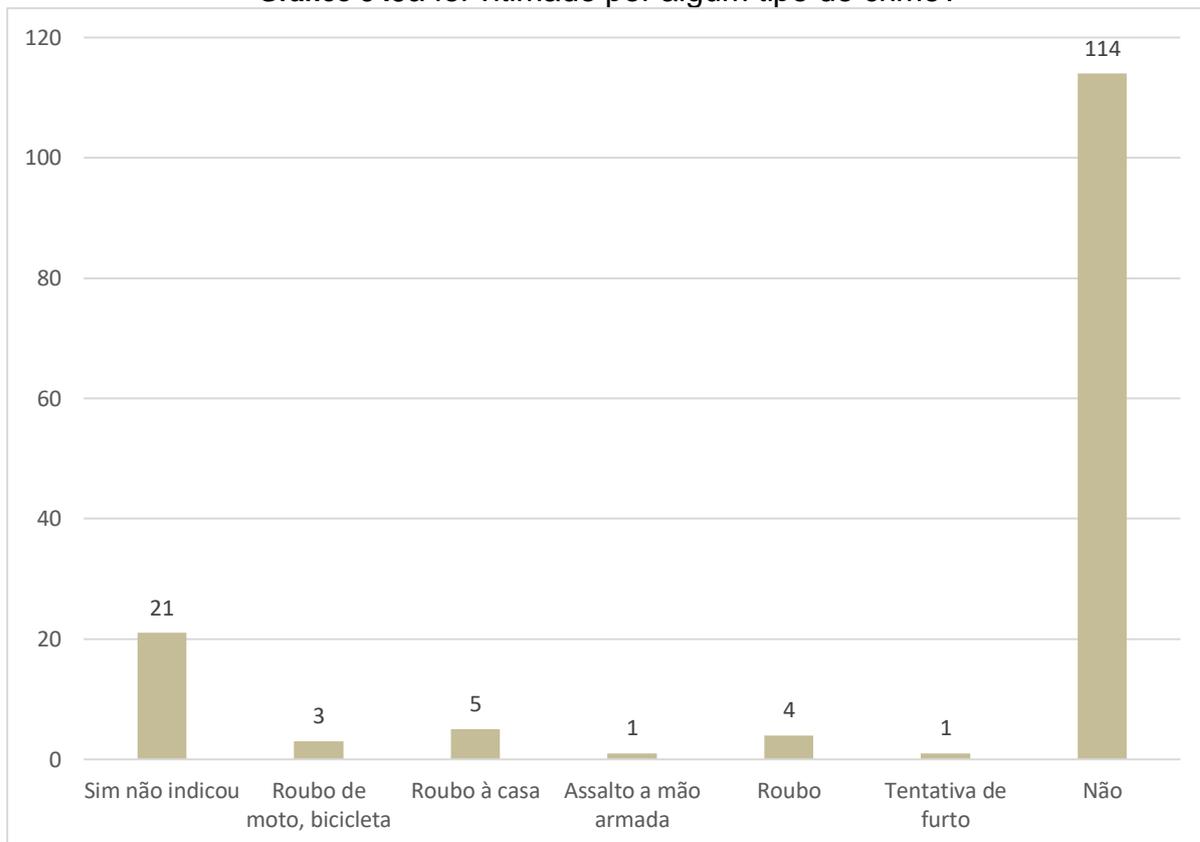


**Fonte:** Questionário de pesquisa aplicado em Aquidauana, PIBIC.

**Org.:** Moscardi, 2021.

Através dos dados obtidos entre os bairros pesquisados, Nova Aquidauana foi identificado com 90% dos entrevistados afirmaram possuir algum sentimento de insegurança nesse local, devido ao estigma sofrido por um bairro periférico e a quantidade de notícia que o jornal Pantaneiro busca constantemente representar. O Centro e o bairro Alto representam menos de 10%. Também foi perguntado se os entrevistados já foram vítimas de algum tipo de crime, nota-se que a grande maioria nunca experimentou a violência de forma objetiva.

**Gráfico 8 :Já foi vitimado por algum tipo de crime?**

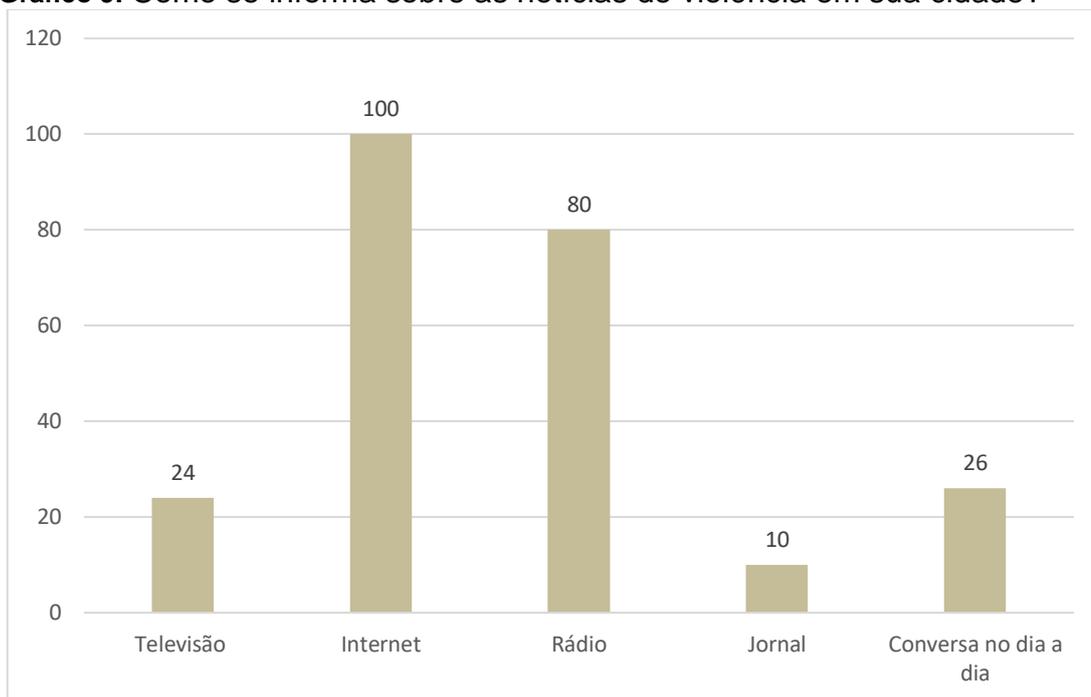


**Fonte:** Questionários aplicados em Aquidauana, PIBIC.

**Org.:** Moscardi, 2021

Ao analisar os dados obtido no formulário que busca identificar quantos cidadãos foram vitimados por algum tipo de crime, encontra uma grande quantidade de pessoas que nunca passaram por algum tipo de experiência com a violência. Isso revela a contradição ocorrida em Aquidauana sobre a subjetividade da violência.

**Gráfico 9:** Como se informa sobre as notícias de violência em sua cidade?



**Fonte:** Questionários aplicados em Aquidauana, PIBIC.  
**Org.:** Moscardi, 2021

Esse último gráfico confirma o argumento de Carlos (2007) em um estudo sobre o espaço urbano na metrópole demonstra que a mídia, ajuda a impor padrões e parâmetros de vida e pela rede de comunicação que aproxima os homens e lugares ao mesmo tempo em que os isola e afirma que o choque entre o que existe e o que é imposto constitui a base das transformações da cidade, e os lugares vão se integrando de modo sucessivo e simultâneo a uma nova lógica que aprofunda as contradições.

Para identificar a imagem que os moradores de Aquidauana têm sobre seu espaço foram aplicadas 5 entrevistas com o objetivo de identificar a opinião dos cidadãos sobre a cidade em questão de violência urbana, e qual bairro de Aquidauana o cidadão identifica como inseguro. As entrevistas contribuem para identificar o início do medo subjetivo de certos espaços, imagens sobre a cidade que pode interferir na sociabilidade intensificando cada vez mais a segregação socio espacial transformando a cidade em um cotidiano repleto de conflitos.

Bairro São Cristóvão

Alexandra ,70 anos, aposentada.

1) Você considera sua cidade insegura?

- Considero uma cidade segura, mas nos tempos de hoje já acontece muitos malandros na cidade tem que tomar cuidado.

2) Quais medidas de segurança usa em seu cotidiano?

- Bom, minha casa não tem uma boa segurança, eu tinha um cachorro, mas ele morreu, costumo trancar as portas, portão e janelas, durante a noite e quando não estou em casa, pretendo construir muro mais alto para ter mais privacidade e segurança.

3) Em qual bairro você sente mais insegurança?

- Não me sinto muita insegura em nenhum bairro, mas não confia de andar a noite para lado do Nova Aquidauana.

4) Já foi vítima de algum tipo de crime?

- Nunca fui.

5) Como se informa sobre as notícias de violência em sua cidade?

- Geralmente pela televisão, rádios e conversa com os vizinhos.

6) Você considera o centro seguro?

- Sim. Nunca sofri nem tipo de crime, mas não pode facilitar sempre fico atenta, como venho na cidade só pra receber e as vezes para comprar alguma coisa que estou precisando. Mas conheço pessoas que foram roubadas no centro. Eu conheço um moto taxi que sempre me leva no banco do centro assim com a companhia dele me sinto mais segura.

bairro Santa Terezinha.

Paulo, 50 anos,

1) Você considera sua cidade insegura?

- Sim. na medida do possível, de vez em quando se escuta umas barbaridades, porém acho que deveriam investir mais na segurança da cidade. Mas em geral é uma cidade bem tranquila.

2) Quais medidas de segurança usa em seu cotidiano?

- Sempre quando saio deixo minhas portas trancadas na hora de dormir também, coloquei cerca elétricas em volta da minha casa, construí um muro mais alto troquei as janelas, porque assim me sinto mais seguro e dou mais segurança para minha família. Quero no futuro pegar um cachorro bravo, mas como fico muito fora acho que vou instalar umas câmeras de vigilância.

3) Em qual bairro você sente mais insegurança?

- Acho que no centro da cidade, porque já tive uma bicicleta furtada fui pagar uma conta na lotérica deixei a bicicleta do lado de fora encostada na parede não estava com cadeado porque não pensava que alguém iria roubar nunca tive essas preocupações na cidade, e quando sai cadê minha bicicleta? já tinha roubado. mas também, já ouvi notícias de pessoas que foram roubadas no centro também.

4) Já foi vítima de algum tipo de crime?

- Sim. tive minha bicicleta roubada lá no centro da cidade, mas foi só isso mesmo.

5) Como se informa sobre as notícias de violência em sua cidade?

- Sempre ouço a rádio da cidade, mas também pela internet e o jornal local da região

6) Você considera o centro seguro?

- Não considero, igual eu falei pra você que tive minha bicicleta roubada, por esse motivo não considero acho também devia ter mais segurança no centro.

Bairro Arara Azul

Maria ,47 anos.

1) Você considera sua cidade insegura?

- Minha cidade é bem tranquila um lugar bom de viver.

2) Quais medidas de segurança usa em seu cotidiano?

- As únicas medidas que tenho ao meu alcance é trancar as portas, as janelas quando saio para trabalhar, porque não tenho condições financeiras de construir um muro na minha casa, como se pode ver minha casa é toda cercada de arrame farpado é o que consigo improvisar por enquanto.

3) Em qual bairro você sente mais insegurança?

- Acho que na nova Aquidauana, porque já roubaram a casa da minha amiga lá. Mas considero o meu bairro bem seguro posso deixar meus filhos na rua que sei que não vai acontecer nada com eles

4) Já foi vítima de algum tipo de crime?

- Nunca fui, mas conheço pessoas que foram roubadas igual eu falei no caso da minha amiga que roubaram a casa dela.

5) Como se informa sobre as notícias de violência em sua cidade?

- Às vezes ouço a rádio, jornais e com conversas com os vizinhos.

6) Você considera o centro seguro?

- Sim considero é o lugar onde trabalho, acho o lugar bem tranquilo.

Bairro Nova Aquidauana

Samuel, 27 anos. Ajudante geral.

1) Você considera sua cidade insegura?

- Não minha cidade é bem tranquila. Mas de uns tempos pra cá começou a acontecer muitas coisas é bom ficar de olho.

2) Quais medidas de segurança usa em seu cotidiano?

- Sempre procuro deixar as portas sempre trancadas quando saio e também as janelas, como não fico sempre em casa, fica mais trancada porque trabalho em fazenda e venho para cidade uma vez por mês. Mas quando não estou em casa, sempre tem alguém da minha confiança vim dar uma olhada pra mim. Pretendo melhorar minha casa construir um muro mais alto e terminar de murar a parti de traz da minha casa.

3) Em qual bairro você sente mais insegurança?

- Acho que em nenhum

4) Já foi vítima de algum tipo de crime?

- Também não

5) Como se informa sobre as notícias de violência em sua cidade?

- Como não fico muito na cidade não tenho muita informação sobre isso, mas sempre ouço pelo rádio.

6) Você considera o centro seguro?

- Sinto seguro sim, como frequento bem pouco a cidade nunca fui roubado lá.

Serraria

Alisson, 40 anos taxista.

1) Você considera sua cidade insegura?

- E uma cidade tranquila, mas sempre acontece alguma coisa hoje em dia tem perigo em todas as cidades não tem pra onde fugir.

2) Quais medidas de segurança usa em seu cotidiano?

- Tenho uma arma que está sempre por perto quando estou em casa a noite, minha casa tem os muros bem altos, sempre trancos as portas as janelas, tenho também dois cachorros esperto que sempre avisa quando escuta alguma coisa diferente.

3) Em qual bairro você sente mais insegurança?

- Acho que na nova Aquidauana.

4) -Já foi vítima de algum tipo de crime?

- Não. Aqui em Aquidauana não

5) - Como se informa sobre as notícias de violência em sua cidade?

- Sempre vejo os noticiários da cidade, o jornal mesmo da cidade, pela internet pelo rádio.

6) Você considera o centro seguro?

- Sim onde moro me sinto bem tranquilo e seguro, mas tem que ficar esperto não pode ficar bobeando senão você pode ser roubado.

## **SEGREGAÇÃO SOCIO ESPACIAL**

### Segregação urbana

A segregação urbana também conhecida como segregação sócio espacial, muitas vezes refere-se a grupos sociais excluídos, marginalizados e excluídos, separando a sociedade por fatores econômicos, culturais e históricos. Pois entende-se que a segregação é o reflexo ou representação espacial da divisão da sociedade na atualidade. Como aponta Saravi (2008) apoiado em Barbosa (2001) que o processo de segregação pode ser entendido como uma dimensão específica de um processo geral de diferenciação social. E ressalta que a situação ainda fica mais densa se entendermos que a divisão social do espaço é uma representação espacial ou seja um reflexo da estrutura social.

O mesmo autor apoiado em Bourdieu aponta, que a estrutura do espaço se manifesta nos mais diversos contextos, na forma de oposições espaciais o qual o espaço habitado funciona como espécie de simbolização espontâneo do espaço social, estruturando a hierarquia social distanciando os indivíduos, mascarando e deformando pelo efeito da naturalização da atualidade. No contexto latino americano é importante ressaltar que o ponto mais crítico e importante na sociedade atual é a diferenciação socioeconômica. Segundo Saravi essa diferenciação assume preeminência absoluta ao posicionar o sujeito na estrutura social, pois esse é um aspecto particularmente mais relevante pois não é apenas um critério de diferenciação, mas um critério de aprofundamento da desigualdade ou até mesmo da exclusão. Segundo o autor esses aspectos estão entrelaçados e sobrepostos.

Após a análise sobre segregação espacial urbana Saravi destaca dois aspectos a ser discutido sobre a sociedade latino americano que considera como relevante, que chama de “sociabilidade urbana” e a “dimensão simbólica da segregação”. Por sociabilidade o autor aponta que a problematização da relação e interação com o outro, isso identifica com o mesmo processo de alteridade e sua naturalização que faz pertencer a ordem das coisas. O sociólogo Saravi (2008) apoiado em Reguillo (2005) identifica a sociabilidade urbana como um dos aspectos temáticos mais importante: De fato, diferentes processos e tendências seculares e estruturais que convergiram em nosso tempo e cuja abordagem foge às possibilidades deste texto, levaram a uma crescente fragmentação da identidade e

ao enfraquecimento de categorias antigas e unificadoras, à individualização dos ricos, mas também oportunidades, e o abandono de setores da população aprisionados em processos de acumulação de desvantagens, que também tendem a ser estigmatizados. Saravi (2008) Os diferentes, os desiguais, os excluídos, que podem ser representados pelos mesmos sujeitos em diferentes combinações, multiplicam-se e aproximam-se cada vez mais. Saravi (2008).

O autor aponta novas inquietações que surgiu na cidade através desse pensamento, isolando os ricos dos pobres, estigmatizando os que vivem em desvantagem econômica. As reflexões sobre a segregação urbana revelam que ela está inserida em diferentes formas de diferenciação, desigualdade e exclusão, assim o autor define a sociabilidade urbana em relação a problematização sobre a relação com o outro. No mesmo estudo Saravi argumenta que a segregação urbana não se limita apenas a sua dimensão objetiva pois ela divide-se em objetiva e simbólica. Os determinantes simbólicos referente a padrões culturais quanto a elementos psicológicos por meio de percepção do indivíduo e de um grupo coletivo, tanto no grupo dos segregados como nos grupos que pretende induzir a segregação de outros que são considerados como os indesejáveis. Assim ele define essas dimensões apoiado em Barbosa como simbólica e para Sabatini como subjetiva, e afirma que elas constituem as forças mais ativa e natural que atuam na segregação, pois sem dúvida é um reflexo da dimensão objetiva da segregação urbana. Assim entende-se que um local com alta concentração de pobreza pode ser relacionada a muitos estigmas, medos e avaliações, e por vez acaba construindo a percepção do imaginário do cidadão, entre quem deve ou não ser evitado, como se fosse natural a força que isola e deixa em desvantagem quem vive em condições socioeconômica desfavorecida.

Entende-se como é formado o estigma de certos grupos através das condições econômicas e comportamentos que não são os mesmos dos grupos que impõe certa cultura, aprofundando a exclusão e fragmentação socioespacial e marginalização.

Saravi (2008), ao entrevistar jovens estigmatizados da cidade no México, onde está presente os maiores níveis de desigualdades do mundo, ressalta que os jovens mostraram com clareza o conhecimento sobre seus estigmas territoriais, e

revela o que pensão sobre suas próprias colônias. Este reconhecimento de estigmas é particularmente relevante como dados antropológicos na medida em que permitem reinterpretar a interação social. O autor ainda afirma que tal reconhecimento expõe uma violência simbólica silenciosa que não passa por desapercibida.

Teixeira et al entendem o estigma como uma construção social que representa uma marca no indivíduo, delegando a pessoa um status desvalorizado em relação aos demais membros da sociedade.” (2019, p. 93).

No mesmo estudo as autoras fazem contribuições sobre a definição do conceito.

Goffman denomina estigma social o reconhecimento da diferença, da ‘marca’, somado a um rebaixamento do portador daquela ‘marca’. O termo estigma foi criado pelos gregos para se referirem “a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava”. Assim, o uso da palavra estigma remete a uma marca, visível ou invisível, física ou social. Atualmente, vem sendo utilizado de modo mais subjetivo do que a necessária evidência corporal. (TEIXEIRA ET AL. 2019, p.93-94).

Tal definição do termo pela autora destaca as percepções sociais referentes a indivíduos que carregam marcas culturais de seu lugar de convivência. Teixeira apoiada em Goffman destaca que tal característica é um estigma especialmente quando seu efeito de descrédito é muito grande visto como um defeito uma desvantagem.

Desse modo, o estigma se refere a um atributo profundamente depreciativo. A denominação de ‘mendigos’, ‘vagabundos’, ‘fedorentos’, ‘cracudos’ são termos estigmatizantes usados pela sociedade, e reforçados pela mídia, que destaca aspectos considerados negativos, associando a PSR ao crime, e a ‘Cracolândia’ a um espaço muito perigoso. (TEIXEIRA ET AL. 2019, p.94).

A importante contribuição da autora reforça o entendimento sobre o estigma como uma visão moralista negativa sobre cidadãos em condições de vida precárias que acaba aprofundando o isolamento social piorando a qualidade de vida. Segundo a autora esse estigma por vezes é internalizado pelo cidadão onde acaba afastando ainda mais de certos serviços sociais. Entende-se que o estigma acaba gerando

problemas ainda mais profundos nos indivíduos aprofundando ainda mais a segregação urbana.

Ao tentar compreender essa lógica espacial profundamente marcada pela segregação que é acompanhada por muitos conflitos em quase toda a América Latina e no mundo. Sposito e Goes (2013), apontam que a segregação não está em curso apenas nas metrópoles brasileiras, pois várias de suas dimensões começam a se manifestar nas cidades médias como as por elas estudadas. Então percebe-se que a manifestação desse fenômeno urbano está cada vez mais se intensificando em todas as escalas em praticamente todos os territórios em países colonizados como o Brasil.

Segundo as contribuições citadas acima, identifica-se que o espaço urbano está profundamente marcado por uma lógica que tende a levar ao individualismo social, aprofundando o abismo existentes entre as classes. A profunda desigualdade social transcende o aspecto econômico que marca a sociedade com profundas privações e acessos a diferentes serviços públicos e privados, como educação, saúde e lazer. Isso afeta diretamente nas oportunidades de acesso ao mercado de trabalho e muitos outros aspectos da vida. Mesmo processo é encontrado no bairro Nova Aquidauana, que ocorre profundo processo de estigma territorial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discutiu sobre o processo de produção do espaço, concentrando a análise no impacto causado pelo fenômeno da violência urbana e de seus desdobramentos sobre o espaço geográfico como a insegurança urbana sobre a cidade de Aquidauana. O conceito de espaço tem sido fundamental para a geografia e as demais ciências, para entender qual é o resultado da ação humana sobre a natureza. As representações do conceito espacial tornam-se fundamentais para a compreensão das atividades humanas. O modo de vida urbana cresceu descontroladamente tornando-se predominante em todos os espaços de forma caótica. A violência urbana está cada vez mais frequente nas cidades em diversas escalas, onde acaba modificando as práticas cotidianas.

Segundo os dados representados em gráficos sobre os crimes que denotam maior comoção pela sociedade, demonstram que Aquidauana não apresenta alto índice de criminalidade. Apenas o crime de furto é o mais expressivo, então identifica-se o surgimento do imaginário através da violência subjetiva, sobretudo em (bairros periféricos da cidade de Aquidauana), pois o mesmo fenômeno também ocorre no espaço de regiões metropolitanas, mesmo sendo realidades muitas distintas de Aquidauana, pode-se notar o surgimento do sentimento de insegurança induzido por representações que não fazem parte da realidade, construindo um imaginário coletivo principalmente sobre o bairro Nova Aquidauana.

Observa-se desse modo o aumento da insegurança, desencadeado por processos observados em outros espaços urbanos, que podem ocorrer em cidades pequenas como Aquidauana, com a influência da mídia e o descaso do poder público, configurando o espaço urbano sob o planejamento da militarização e da segurança.

A disseminação da insegurança não se dá por meio de dados concretos, Aquidauana se revela como uma cidade com baixo nível de violência comparados com grandes centros, mas é através da dimensão subjetiva da violência, relacionada a mídia que ao representar certas informações acaba intensificando o estigma territorial que ocorre no bairro Nova Aquidauana.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio; CARDIA, N. **Dilemas do controle democrático da violência: execuções sumárias e grupos de extermínio.** In: SANTOS, J. V. Tavares dos (org.). *Violência em tempo de globalização.* São Paulo: Hucitec, 1999, p.66-90.
- ADORNO, Sérgio. **Violência, crime, insegurança: há saídas possíveis?** In: FONSECA, Rinaldo Barcia; DAVANZO, Aurea M. Q.; NEGREIROS, Rovená M. C. **Livro verde: desafios para gestão da região metropolitana de Campinas.** Campinas: UNICAMP, 2002, p. 303-333.
- Adorno, Sergio. **Fluxo de operações do crime organizado.** *REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA*, SBS, V. 07, N. 17, p. 33-54, Set.-Dez/2019.
- BALDRAIA, André. **A produção do espaço em Aquidauana no início do século XXI: Elementos para compreender a difusão do processo de financeirização no Brasil.** In: XI Encontro Nacional da ANPEGE, Presidente Prudente, 2015, p. 698-709.
- BATISTA, Ricardo Lopes. **A geografia da violência: uma abordagem espacial da criminalidade em Três Lagoas – MS.** Dissertação (mestrado em geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2008, 130 f.
- BATISTA, Ricardo Lopes e FARIAS, Fernando Rodrigo. **Análise da dinâmica econômica na microrregião do Pantanal: Aquidauana, Anastácio e Miranda.** In: Anais. Seminário Dinâmica Econômica e Desenvolvimento Regional, Presidente Prudente, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico.** 16 Ed. [trad. Fernando Thomaz], Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade.** São Paulo: FFLCH, 2007.
- CAVALCANTE, L. V.; LIMA, L. C. **Epistemologia da Geografia e espaço geográfico: a contribuição teórica de Milton Santos.** *Geusp – Espaço e Tempo* (Online), v. 22, n. 1, p. 061-075 mês. 2018.
- CARVALHO, André L. **tese de doutorado apresentada a faculdade de filosofia, letras e Ciências humanas, departamento de Geografia para obtenção de título de Doutor em Geografia Humana – SP, Orientadora Profa. Dra. Lea Francesconi.** São Paulo 2010.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- CURBET, Jaume. **Conflictos globales, violencias locales.** Quito: FLACSO, 2007.

DAMIANI, Amélia Luisa, CARLOS, Ana F. A., SEABRA, Odette C. de L. (orgs.) **O espaço no fim do século - a nova raridade**, 2ª ed. Contexto, São Paulo, 2001.

GRAHAM, Stephen **Cidades sitiadas o novo urbanismo militar** trad Alyne Azuma 1ª ed SP Boitempo 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Anuário Estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro 2010.

JOIA, Paulo. **Origem e evolução da cidade de Aquidauana-MS**. *Revista Pantaneira*, v.7, 2005. P. 34-49.

LEFEBVRE, H. **A Reprodução das Relações de Produção**. Tradução: Antonio Ribeiro e M. do Amaral. Porto (Portugal): Publicações Escorpião– Cadernos O Homem e a Sociedade, 1973. 115p.

MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira. **Vidas em enclaves. Imaginário das Cidades Inseguras e Fragmentação Socioespacial em contextos não metropolitanos**. 2018. 488 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MISSE, Michel. "Crime e pobreza: velhos enfoques, novos problemas", in: Gonçalves, M.A. e Villas Boas, G. (orgs.) **O Brasil na Virada do Século**. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. **Crime e violência no Brasil Contemporâneo**. Estudos de Sociologia do crime e da violência. RJ: Lúmen Júris, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da violência de nossos dias**. In: Diálogo entre as civilizações, Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil – Unic Rio, 2001 – disponível em [www.unicrio.org.br/Textos/dialogo/michel\\_misse.htm](http://www.unicrio.org.br/Textos/dialogo/michel_misse.htm), acesso em 10/09/2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 2002.

Nery, Batista, Marcelo. **Crime e violências em São Paulo: retrospectiva teórico-metodológica, avanços, limites e perspectivas futuras** Cad. Metrop, São Paulo, v. 21, n. 44, pp. 169-194, jan/abr 2019.

OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. **A rua e a cidade: Campo Grande e a 14 de julho, Campo Grande, MS**, Ed. UFMS, 2005.P.88-100. A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**: Contexto, 1989, São Paulo, 2º Ed.

Santos, Milton, **A urbanização Brasileira**. – 5. Ed., 2 reimpr. – São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

A Natureza do Espaço. Técnica e tempo, razão e emoção. - Milton Santos Editora Hucitec, São Paulo, 1996.

SARAVI, Gonzalo A. **Mundos aislados: segregación urbana y desigualdade en la ciudad de Mexico**. Eure, vol. XXXIV, n. 103, p. 93-110, dezembro de 2008.

SPOSITO, Maria encarnação Beltrão e GÓES, Eda. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

Teixeira, Mirna Barros et al. **Os invisibilizados da cidade: o estigma da População em Situação de Rua no Rio de Janeiro**. Saúde em Debate [online]. 2019, v. 43, n. spe7.

[www.cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aquidauana/historico](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aquidauana/historico). Acessado em 04/02/2020.